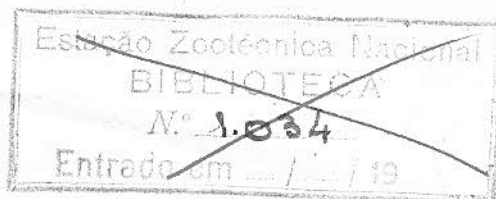
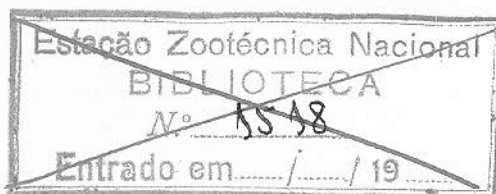


BOLETIM PECUÁRIO



INTENDÊNCIA DE PECUÁRIA DE SETÚBAL

A Intendência de Pecuária de Setúbal corresponde precisamente ao distrito do mesmo nome, que inclui treze concelhos separados administrativamente em dois grupos, um incorporado na província da Estremadura, outro na do Baixo Alentejo.

Pertencem à Estremadura os concelhos de Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Setúbal e Sezimbra; fazem parte do Baixo Alentejo os de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines.

O território do distrito, que abrange 5.105,48 Km.², está muito desigualmente repartido pelas treze unidades municipais. Assim, enquanto os concelhos alentejanos, excluído o de Sines, ocupam 3.308,60 Km.² (Alcácer do Sal com 1.454,80; Grândola com 813,16; Santiago do Cacém com 1.040,64), para o conjunto dos outros dez ficam apenas 1.796,88 Km.², menos de metade de tóda a área distrital.

Entre os últimos sobressai o concelho de Palmela com 482,88 Km.²; Montijo, o maior dos nove restantes, tem 376,36 Km.² e o Barreiro, o mais pequeno de todos, apenas 35,64 Km.².

Se aos concelhos alentejanos juntarmos a superfície do pequeno município de Sines (uma só freguesia com 189,84 Km.²), a diferença agrava-se ainda mais a favor da área pertencente ao grupo dos do Baixo Alentejo, assim elevada a quasi 3.500 Km.², ao passo que a dos estremenhos apenas abrange 1.607,04 Km.², pouco mais de um têtço da dos primeiros.

O que acontece com a desigual divisão territorial, ocorre também com a da população, mas agora em sentido inverso e maior agravamento por motivos a que pouco adiante aludiremos. Enquanto os concelhos estremenhos comportam 187.882 habitantes, ou cêrca de 117 por quilómetro quadrado, os do Baixo Alentejo apenas contam o total de 80.330, escassamente 23 pela mesma unidade de superfície ou menos da quinta parte da densidade daqueles¹.

Na parte da Estremadura deparam-se concelhos com tal população relativa, que os fazem incluir no número dos centros mais densamente povoados. Para não ir mais longe, citamos o do Barreiro com 727,6 habitantes por quilómetro

1—Estes números referem-se ao censo populacional de 1940.

quadrado; Almada comporta 354,3 pela mesma área; Setúbal contém 251 por igual superfície.

A contrastar estão os concelhos alentejanos, com pouco mais de 15 habitantes por quilómetro quadrado o de Alcácer do Sal; pouco acima de 21,5 o de Grândola; não muito além de 30,5 o de Santiago do Cacém; com leve excedente de 46,6 o de Sines.

Estes factos inculcam já por si quão heterogéneo deve ser o distrito de Setúbal, e na realidade o é sob vários pontos de vista, conforme teremos ocasião de verificar na seqüência dêste relatório. A reflexão sôbre os mesmos factos deixa ainda inferir desde logo como só razões de muito e muito pêso teriam levado há poucos anos a estabelecer semelhante departamento distrital, posteriormente sancionado pela actual organização administrativa, tanto mais que na medida do possível se procurou decalcar esta na divisão regional¹.

Pelo que adiante hemos de dizer àcerca do clima e da divisão regional agrícola e pecuária do distrito, não parece desapropositado aqui notar que os concelhos de Almada, Seixal, Moita, Barreiro, parte do de Montijo e o de Alcochete se alinham ao longo do Tejo, alguns penetrados pelos braços que recortam mais ou menos profundamente a Outra-Banda desde a foz da Ribeira das Enguias, a nordeste de Alcochete, até ao pontal de Cacilhas, e têm as suas sedes poisadas à beira-rio defronte de Lisboa; todos os mais ou mantêm contacto directo com o Oceano por uma fronteira litoral mais ou menos longa ou são banhados pelo Sado em maior ou menor extensão do seu percurso, navegável da foz até Pôrto de Rei, quando mesmo não disfrutam de uma e outra vantagem. Só Palmela, qual águia alcandorada lá no cimo dum morro alcantilado donde se surpreende tôda a magnificência dos estuários do Tejo e Sado, donde se contempla em tôda a sua imponência a serra de Sintra e se divisa um vasto e deslumbrante panorama de soberbos e variadíssimos aspectos, é cabeça duma circunscrição municipal quási tôda interior (sem mais que um pequeno contacto immediato com um braço do Sado por intermédio de uma das suas freguesias mais excêntricas) e cuja sede se reclina preguiçosa aos pés do magestoso castelo medieval, alteado no têsso do monte e outrora metrópole dos freires de Santiago, fortaleza que ainda de longe sobranceia um trôço da costa oceânica e atalaia a perder de vista o sertão do Alentejo.

Reportando-nos ainda ao que dissemos sôbre a desigual repartição populacional do distrito, leva isso a mencionar também alguns centros industriais, cuja situação se não pode de maneira alguma alhear da feição agrícola, e até certo ponto pecuária, que as zonas onde êles se encontram vieram a tomar mercê da forma de actividade, que os caracteriza, e nas quais são já bem manifestos os progressos da urbanização, que se têm vindo a acentuar, agora mais intensivamente com a transferência do arsenal e outros serviços da marinha militar para o Alfeite, e mais ainda quando outros serviços da mesma natureza forem instalados na margem sul do rio na parte correspondente a êste distrito, conforme está projectado.

1—O distrito de Setubal foi criado pelo decreto n.º 12.876, de 22 de Dezembro de 1926.

Fora outros, neste particular merecem especial referência os seguintes:

Alcochete — Salinas; construções navais de madeira; seca de bacalhau; engorda industrial de gado suíno.

Almada — Cortiças (Almada e Caramujo); construções navais (Alfeite, Olho de Boi e Cacilhas); moagem (Caramujo); tanoaria (Ginjal); pesca (Trafaria e Costa da Caparica); conservas de peixe (Almada e Trafaria); olaria e cerâmica (Monte de Caparica, Vale de Mourellos e Almada); cordoaria (Almada); dinamite (Trafaria); óleos, sabões e farinhas de oleaginosas (Portinho da Arrábida).

Barreiro — Sede dos armazéns e oficinas do Caminho de Ferro do Sul e Sueste, que ali afluí; várias secções da Companhia União Fabril; cordoaria; cortiças e salinas (Barreiro e Lavradio); seca de bacalhau (Azinheira); colas (Lavradio).

Moita — Produtos químicos e velas de sebo; engorda industrial de gado suíno; cortiças (Moita e Alhos-Vedros).

Montijo — Cortiças; pesca fluvial; cerâmica; engorda industrial e chacina de gado suíno (Montijo e Sarilhos Grandes).

Seixal — Pesca fluvial; cortiças (Seixal e Amora); lanifícios (Arrentela); farinhas, guanos e óleos de peixe (Moinho do Breyner); pólvora (Vale de Milhaços); seca de bacalhau (Alfeite).

Setúbal — Pesca marítima e fluvial; conservas, farinhas, guanos e óleo de peixe; adubos minerais; olaria e cerâmica; construções navais de madeira; moagem; fabrico de vasio (vasilhas) de fôlha de Flandres e respectiva litografia; serração de madeiras e carpintaria mecânica; cimento (Rasca); produção de energia eléctrica (Cachofarra).

Sezimbra — Pesca marítima; conservas de peixe; cantarias (Zambujal).

Registe-se por fim, que todos êstes centros industriais ficam situados na parte estremenha do distrito e que, exceptuando Setúbal e Sezimbra, todos são concelhos marginais do Tejo.

OS TRABALHOS DE MANIFESTO

Sôbre a forma como decorreu o arrolamento, temos de confessar que êste não constituiu tarefa fácil quanto aos resultados apurados; iludiríamos a verdade se tivéssemos a pretensão de os apresentar isentos de máculas. O receio dos lavradores por tudo quanto seja averiguar os seus haveres, e na maioria das vezes privados de educação que lhes permita reconhecerem a necessidade das entidades oficiais procederem a trabalhos estatísticos; o conflito internacional, que os traz preocupados; os resultados dos últimos maus anos agrícolas, que os vêem atormentando cada vez mais; os constantes manifestos com que têm sido assediados, e a

pouca confiança no sigilo das inquirições oficiais, tudo lhes fez temer que as suas declarações sinceras pudessem vir mais tarde a criar-lhes dificuldades no tocante ao comércio dos gados, até chegar mesmo à requisição dêstes.

A nossa maior preocupação foi desvanecer esta última impressão e julgo ter sido compreendido. Mas completamente?

Estou em afirmar que não, pois as explicações com que tentamos interpretar a diminuição dos efectivos pecuários, principalmente a dos animais de capoeira, ainda nos deixam dúvida se elas serão suficientes.

Não applicámos qualquer multa, porque as faltas denunciadas tinham como principal fundamento inimizades pessoais. Demais não houve qualquer dificuldade em obter os respectivos manifestos e não tivemos dúvida em aceitar as razões invocadas, que justificavam plenamente a falta de declaração involuntariamente cometida. Usámos de tóda a prudência, optando pelos meios suasórios por mais convincentes que os coercivos, e não estamos disso arrependidos.

Não podemos deixar de registar o magnifico auxílio dos veterinários municipais que, sem excepção, e cada um dentro das suas possibilidades, deram ao serviço dêste recenseamento o melhor do seu esforço, vencendo a pertinaz relutância do proprietário em declarar os seus bens pecuários, que presumia não ter que revelar; mas seria injusto não destacar o interêsse particular que êste inventário mereceu aos veterinários municipais de Alcácer do Sal, Dr. Ernesto Soares de Oliveira, e do Montijo, Dr. Manuel Nepomuceno Leite da Cruz.

Das autoridades administrativas devo dizer que por todo o distrito encontrei boas vontades, mas na totalidade não correspondiam às verbas disponíveis das respectivas Câmaras Municipais e indispensáveis para que o arrolamento resultasse perfeito; se nalguns municípios se encontravam orçadas, tinham sido esgotadas com o censo da população, efectuado na mesma época.

Cabe aqui também destacar a clara visão do município de Alcácer do Sal, que não hesitou em gastar o indispensável para que no respectivo concelho o arrolamento correspondesse quanto possível à verdade.

Os regedores e cabos-chefes, a quem coube grande soma de trabalho, prestaram, salvo raríssimas excepções, uma colaboração só digna de louvores e gratidão.

Resta manifestar as nossas homenagens a todos, e tantos foram, que nos auxiliaram na árdua tarefa de desfazer boatos e arrancar ao segrêdo doméstico o número correspondente ao efectivo pecuário.

Os números a seguir não são animadores, excluídos os do concelho de Alcácer do Sal, onde a quantidade de manifestantes aumentou; nos outros diminuiu em todos de uma forma geralmente sensível. Quanto a nós, esta diminuição filia-se em dois factos: o primeiro na redução do gado asinino, caprino e, muito especialmente, dos animais de capoeira; o segundo, muito mais importante de registar, nas más condições económicas que de há anos para cá vêm comprometendo a pequena propriedade, obrigando os donos a venderem-na ou explorarem-na ao mínimo e ocupando a sua actividade como trabalhadores jornaleiros ou no comércio. Torna-se desnecessário evidenciar a gravidade dêste facto.

Manifestantes — Comparativamente com o arrolamento de 1934, eis o que, por concelhos, agora se apura:

CONCELHOS	MANIFESTANTES		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito	26.765	21.573		5.192
Alcácer do Sal	2.524	2.884	360	
Alcochete	903	814		89
Almada	2.612	2.269		343
Barreiro	2.321	1.682		639
Grândola	2.186	1.891		295
Moita	1.504	1.273		231
Montijo	2.222	1.619		603
Palmela	2.792	1.964		828
Santiago do Cacém	3.965	2.774		1.191
Seixal	1.131	1.059		72
Setúbal	2.733	1.795		938
Sesimbra	1.135	969		166
Sines	737	580		157

Referidas às espécies pecuárias, as oscilações do número de declarantes entre os dois arrolamentos é como segue:

ESPÉCIES	MANIFESTANTES		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Cabalinos	2.604	2.002		602
Muares	3.500	3.563	63	
Asininos	8.454	6.313		2.141
Bovinos	3.767	3.737		30
Ovinos	1.950	2.426	476	
Caprinos	2.217	2.480	263	
Suínos	8.220	7.038		1.182
Animais de capoeira	24.803	20.246		4.557

Se observarmos o mapa anterior, verificamos que a diminuição de manifestantes por espécies pecuárias não coincide perfeitamente com a do mapa dos animais manifestados; mas se examinarmos os totais específicos, essas diferenças são concordantes excepto no referente ao gado cabrio, pois a par da grande diminuição

do efectivo regista-se aumento no número dos possuidores, o que explica a enorme redução dos fatos mas maior distribuição dos caprinos, que em uma ou pouco mais unidades passaram a explorar-se mais achegados à casa, à vida doméstica. Estamos, pois, em face duma defesa contra a falta de recursos; o rural adquire ou conserva uma ou pouco mais cabras, que lhe asseguram em parte o sustento da família, o das crianças principalmente.

A redução no número dos proprietários de gado suíno tem como principal motivo a fraca produção dos montados na época do arrolamento e sobretudo, como succede com os animais de capoeira, o agravamento económico das populações pobres, sem recursos para empatarem capitais nem poderem valer-se de disponibilidades para adquirirem os alimentos necessários aos habitantes da capoeira ou da pocilga.

O pequeno proprietário, que representa no seu conjunto uma grande personalidade económica dentro da vida agrícola do País, encontra-se moribundo, exausto de recursos; os encargos fiscaes são certos e os proventos cada vez menores. Por outro lado, o elevado preço dos adubos, o aumento do custo da alimentação para os gados e a especulação dos intermediários asfixiam-no; a galinha não pode com tantos ovos... e para reagir só tem um caminho — vender ou arrendar a propriedade ao vizinho ou a outrem, por conta de quem passa a trabalhar, o qual a explora em conjunto com as que já tem, fazendo uma lavoura maior para conseguir uma produção que, pelo volume, se o não compensa do capital empatado e do trabalho dispendido, lhe garante toavia modesto sustento para si e para os seus.

Com o grande proprietário, salvo raríssimas excepções, o prisma mantém a sua face pouco tranqüilizadora. Cansado de perder dinheiro ou, pelo menos, de enganado de encontrar na lavoura o juro compensador do capital nela investido, se é persistente e não tem fundos de reserva suficientes, recorre ao crédito na esperança de melhores dias e acaba por ver as propriedades em almoeda; se tem ainda capital disponível, então esgota-o ou arrenda as terras a seareiros, que na ânsia de não perderem, as esgotam até ao último grama de matéria fertilizante. Vampiros da terra, os seareiros tornam-se assim o recurso do lavrador.

Importa fomentar a pecuária, porque é nela que está a redenção da lavoura, a restauração da produtividade da terra, do fundo de fertilidade do solo agrícola, exaurido com o regime de arrendamentos actualmente seguido e com o sistema de exploração demasiado exclusivista de há anos a esta parte. O lavrador, que por comodidade ou mal aconselhado o tem seguido, vai agora abrindo os olhos ao verificar que o abuso imoderado dos adubos minerais lhe esterilizou as terras; que dos tractores lhe resta vil sucata e algumas contas de gasolina a pagar; que da orgia nos grandes centros à custa de prometedoras produções lhe sobejam dívidas e letras sem cobertura; etc., etc.

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

O apuramento e classificação dos elementos constantes dos boletins de manifesto revelaram em cada concelho os efectivos específicos a seguir mencionados:

Efectivos pecuários em 1940
(Cabeças naturais)

CONCELHOS	G A D O S										ANIMAIS DE CAPOEIRA				
	Egípcios	Moures	Asininos	BOVINOS			Ovinos	Caprinos	Suínos	Galinhas	Patos	Perus	Pombos	Coelhos	
				de trabalho	leiteiros	Total									
Alcácer do Sal	1.482	824	922	7.971	186	8.157	29.168	4.672	13.066	20.716	925	941	2.482	4.475	
Alcochete	243	146	382	657	233	890	2.141	28	2.872	5.427	219	180	931	1.944	
Almada	123	220	461	226	766	992	691	416	944	13.975	933	476	4.754	6.533	
Barreiro	81	84	292	165	368	534	1.077	247	458	8.641	405	220	2.749	3.152	
Grândola	431	952	777	2.448	143	2.591	16.050	5.999	9.559	14.265	337	700	1.262	4.722	
Moita	107	90	480	317	369	686	2.252	124	1.542	7.833	396	179	1.572	3.832	
Montijo	382	523	605	1.382	461	1.843	10.107	781	10.201	9.558	718	447	1.110	4.036	
Palmela	514	523	1.115	1.806	509	2.315	11.389	603	5.415	14.639	822	939	1.974	6.204	
Santiago do Cacém	749	1.734	1.197	4.009	292	4.301	35.391	7.554	14.076	22.977	587	960	2.969	4.927	
Seixal	78	211	189	134	227	361	1.201	655	591	7.532	410	297	2.052	3.314	
Setúbal	267	444	614	376	753	1.129	7.203	1.234	1.608	13.201	945	480	2.872	4.668	
Sezimbra	58	154	748	359	519	878	4.613	1.869	1.546	6.381	201	216	1.232	1.859	
Sines	111	203	299	880	91	971	5.932	1.190	1.220	4.385	145	132	360	1.298	
Totais (distrito)	2.626	6.108	8.081	20.731	4.917	25.648	127.215	25.372	63.104	149.530	7.043	6.167	26.329	50.964	

Efectivos pecuários através dos vários arrolamentos
(Cabeças naturais)

ESPÉCIES	1870	1920	1925	1934	1940	Difenças entre os dois últimos	
						Para mais	Para menos
Gados							
Eqüinos	4.429		4.071	4.796	4.626		170
Muares.	926		4.076	6.122	6.108		41
Asininos	3.399		7.986	10.774	8.081		2.693
Bovinos	10.445	21.058	21.344	24.258	25.648	1.390	
Ovinos	16.166	68.006	73.246	85.757	127.215	41.458	
Caprinos	32.847	51.570	51.633	37.657	25.372		12.285
Suínos	11.339	38.303	51.386	63.510	63.104		406
Animais de capoeira							
Galinhas				185.933	149.530		36.403
Patos				6.793	7.043	250	
Perus				5.965	6.167	202	
Pombos				44.770	26.329		18.441
Coelhos				57.597	50.964		6.633

Obs. — Como o distrito de Setúbal só foi criado em Dezembro de 1926, os números relativos aos censos pecuários anteriores a 1934 são os dos concelhos que actualmente lhe pertencem.

Diferenças em relação ao arrolamento de 1934

CONCELHOS	Eqüinos		Muares		Asininos		Bovinos		Ovinos		Caprinos		Suínos	
	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos
Distrito		170		14		2.693	1.390		41.458		12.285		406	
Alcácer do Sal . . .	170		53		153	2.004		5.221		1.755		287		
Alcochete	85		31		84	649		1.556	11			2.324		
Almada		23		20	102	112		180		248		163		
Barreiro		19	18		147		11	382	142			107		
Grândola		51	51		229	143		6.818		1.594		378		
Moita		15	17		164	130		755		44		17		
Montijo		24	-	-	240		17	4.210		1.442		3.585		
Palmela		122		30	436		590	4.130		603		1.694		
Santiago do Cacém .		72		267	909		730	11.859		3.043		4.816		
Seixal		47	53		51	40		751		402		188		
Setúbal.		25	110		93	63		2.428		952		133		
Sezimbra		1	61		30		84	1.649		1.604		406		
Sines.		26	15		115		319	1.519		751		696		

A análise dêstes números sugere-nos algumas considerações, que muito sumariamente passamos a referir.

Cabalinos — Desde 1870 que o efectivo geral desta espécie se tem mantido com pequenas oscilações, alternadamente positivas e negativas, na casa dos quatro milhares, sem que pareça lograr-se qualquer significado nas variações numéricas concelhias. Na verdade, essas oscilações, cuja maior amplitude não chega aos três quartos de milhar, parecem inexpressivas; pelo menos não se lhes divisa de momento qualquer nova tendência.

O concelho de Alcácer do Sal, único onde se faz alguma criação de vulto em relação aos restantes, conforme demonstra o quantitativo de animais de menos de ano, em número de 260 em todo o distrito, 121 dos quais arrolados na área dêsse município, acusa o aumento de 170 cabeças, aumento que, se não resulta dum inquérito mais cuidadoso comparativamente com os dos arrolamentos transactos, no que estamos em crer dadas as boas diligências da própria Câmara Municipal, mostra pequeno incremento, quando não uma tal ou qual estabilidade, o que antes nos parece, facto que nem por isso deixa de ser já animador, se reflectirmos que a equicultura se encontra ao presente desprovida de ambiência económica favorável.

Para o pequeno aumento de 85 cabeças no concelho de Alcochete talvez houvesse concorrido o opulento lavrador Samuel dos Santos Jorge, que agora ali manifestou uma parte dos seus gados que em 1934 registou no concelho de Palmela, o que vem explicar a apreciável quebra de 122 cabeças que se verifica neste último concelho.

O que a respeito dêste gado expendemos adiante ao tratar das espécies pecuárias, dá a conhecer, de um modo geral, a razão do decréscimo que todos os outros concelhos manifestaram nos seus efectivos hípicos, o qual se exprime por menos 170 cabeças no total do distrito.

Muares — Pela sua insignificância, a diferença de 14 cabeças a menos não marca no efectivo do gado muar, cuja exploração continua a encontrar condições económicas favoráveis.

Asininos — O decréscimo numérico desta espécie, que é apreciável (quáasi 2.700 cabeças), tem como principal determinante o desenvolvimento da camionagem, que hoje sulca o distrito em todos os sentidos, e a abertura de novas estradas e caminhos municipais, que facilitam as comunicações entre os povoados e proporcionam o trânsito de viaturas automóveis e da bicicleta por locais ainda há pouco só acessíveis ao paciente gerico.

Bovinos — Comparando os números do presente inventário com os dos três precedentes, verifica-se que neste distrito o efectivo bovino aumentou sensivelmente (cêrca de 6% sobre o censo anterior, 4% sobre o de 1925 e um pouco mais do que isto em relação ao de 1920).

Registaram-se no actual recenseamento grandes oscilações em todos os concelhos, excepto nos do Barreiro e Montijo, onde se nota insignificante diferença para menos, respectivamente 11 e 17 cabeças. Os aumentos têm fácil explicação; denunciam uma mais inteligente exploração agro-pecuária, que decerto, a aperfeiçoar-se como é de esperar, virá a elevar muito mais o quantitativo bovino neste distrito.

Para a diminuição considerável nos concelhos de Santiago do Cacém e Sines confessamos não encontrar razão que a justifique, tanto mais que, no tocante a gado de serviço, nem lhe achamos compensação no gado muar, que até diminuiu em quantidade apreciável no primeiro e apenas acusa o insignificante aumento de 15 cabeças no segundo.

A redução no concelho de Palmela filia-se na circunstância do lavrador Santos Jorge haver manifestado parte do seu gado no concelho de Palmela e parte no de Alcochete, conforme as herdades onde êle se encontrava à data dêste arrolamento, ao contrário do sucedido em 1934, em que manifestou todo o efectivo no primeiro dos dois concelhos.

Ovinos — A eloquência dos números dispensa comentários. É êste, de facto, o gado que paga, constituindo a parte mais remuneradora da exploração armentosa.

Na verdade, o aumento de área da cultura cerealífera nos últimos tempos, que proporciona mais pastagens para ovelhas, e o bom aproveitamento dos restolhos pelo gado lanar, são razões substanciais para justificar o acréscimo agora verificado em todos os concelhos do distrito.

Caprinos — Mercê do desagrado em que caiu por causa da sua voracidade, olhado com antipatia pelas autoridades municipais e pelos próprios proprietários rurais, reduzida a sua área de apascentação com a arroteia de muita chãrneca ultimamente trazida à cultura frumentária, o gado cabrio tende a reduzir-se, se não a desaparecer. Com efeito, nota-se de ano para ano acentuada diminuição no efectivo caprino, que bem justifica o agoiro dum próximo aniquilamento desta espécie em proveito dum correlativo aumento de gado lanífero, mas isso não parece absolutamente certo, porque há regiões onde não é possível explorar economicamente outra espécie pecuária.

Suínos — O actual arrolamento, em relação ao de 1934, acusa pequeno decréscimo, mas isso não significa menor desenvolvimento da suinicultura, porque de facto o não há; só as chacinas e engordas industriais tiveram maior incremento nos últimos meses do passado ano, sacrificando-se ou enviando-se para a ceva em malhadas muitos porcos que em circunstâncias normais ainda ficariam mais tempo nos montados, se nos fins de 1940 êstes não estivessem escassos de comida (bolota), motivo por que convinha poupá-los.

A grande diminuição registada no concelho de Palmela é consequência do proprietário Santos Jorge ter feito no arrolamento anterior o manifesto de todo o seu efectivo nesse concelho e manifestar êste ano no de Alcochete o gado que na

altura do arrolamento se encontrava nas suas propriedades dêste município, circunstância que justifica plenamente o formidável aumento que êste acusa.

No Montijo também o grande aumento se explica pelo maior volume das engordas industriais em malhadas, consoante dissemos, o que bastante fez baixar o efectivo nos concelhos de Santiago do Cacém e Sines.

Como se vê, o número de 406 cabeças a menos não significa menor produção suína. Simplesmente, em 31 de Dezembro de 1940 deveria haver menos porcos, mas mais produtos fabricados ou em conserva.

Animais de capoeira — Comparando os efectivos de agora com os apurados em 1934, verifica-se a diminuição de 36.403 galinhas, 18.441 pombos e 6.633 coelhos, a par do aumento de 250 patos e 202 perus, êste sem maior significado dada a modéstia das respectivas cifras.

Como interpretar a diminuição?

Quanto a nós, e por aquilo que averiguámos, concluímos que ela se filia no seguinte:

Conforme é sabido, as galinhas existiam em quasi tôdas as casas, não como exploração lucrativa, mas como recurso a lançar mão em várias emergências, designadamente em caso de doença; ora as disponibilidades da gente pobre e remediada, que mais sente o agravamento da vida, diminuíram sensivelmente, não permitindo despesas que não sejam as indispensáveis para o sustento de cada dia, circunstância que aliada ao aumento do preço do milho explica plenamente o decréscimo apreciável desta espécie avícola.

Além das razões apontadas, o boato espalhado de que o manifesto se destinava a requisição, alarmou também os donos dos animais dêste grupo, os quais, ainda pouco familiarizados com inquéritos e com a obrigação de declararem os seus escassos haveres pecuários, olharam êste manifesto com desconfiança, mesmo com medo, e procuraram evitá-lo ou iludi-lo.

Ocorreu agora o mesmo que em 1934, de que a imprensa diária então se fez eco por mais duma vez, porém agora com mais probabilidades de crédito, devido ao estado de guerra em que vivemos.

São principalmente os contratadores de ovos e criação os mais interessados em propalar semelhantes boatos, que espalham impunemente adrede, explorando assim a ignorância e a boa fé das populações rurais até ao ponto de lançar entre elas o terror, no propósito bem claro de provocarem em proveito próprio a baixa de preços dos animais de capoeira.

Julgamos conveniente mencionar o facto com os melhores votos de que em futuros recenseamentos se adoptem providências que evitem ou atalhem a tempo semelhante abuso e especulação, que, além do mais, tanto prejudica o trabalho das pessoas directa ou indirectamente incumbidas de averiguarem os efectivos pecuários.

Como quer que seja, as razões invocadas não chegam contudo para explicar satisfatoriamente o decréscimo que o presente inventário regista, o que nos leva a crer que o efectivo dos animais de capoeira haja realmente diminuído bastante em relação ao de 1934.

NÓTULA SÔBRE A ECOLOGIA PECUÁRIA

Situado na parte do *Centro Litoral* entre o Tejo e o Sado e prolongado pelo *Baixo Alentejo Litoral*, na maior parte por êle formado, estas duas circunstâncias físico-geográficas fazem do distrito de Setúbal uma zona de transição de extravagante fisionomia, motivo por que na divisão provincial estabelecida pelo actual Código Administrativo, de feição mais regional que a anterior, êle ficou incorporado parte na Estremadura, parte no Baixo Alentejo.

Mas não é tudo. A diversidade de natureza e aptidão dos seus terrenos, a disparidade de feições climatéricas que nêle se observam, e o modo variável como necessariamente, cada uma por si ou em conjunto, hão-de influir estas novas circunstâncias, mas em que a acção dos factores edáficos nem sempre prevalecerá menos que a dos factores climatéricos, são outros tantos motivos a adicionar aos que o levaram a fraccionar por duas províncias, e causas igualmente adjuvantes, se não por vezes determinantes, dos diferentes quadros regionais, bem perceptíveis num relance de olhos, tão flagrantes êles são.

Tôdas estas particularidades há-de, pois, tomar em conta quem quiser dividir o fundamento da variabilidade de aspectos agrícolas que nesta circunscrição administrativa se desenrolam à primeira vista, e desejar surpreender o determinismo das modalidades de exploração zootécnica que nela se notam, porquanto esta multiplicidade de expressões é que a êste complexo distrital confere caracteres que a um tempo o fazem participar da Estremadura, do Alentejo e do Ribatejo.

Ainda que sucintamente, averigüemos pois aquêles supracitados factores, para apreciar até que ponto subordinam ou condicionam êles a indústria dos gados.

ESBÔÇO GEO-AGROLÓGICO

Com exclusão do arcaico, no distrito de Setúbal encontram-se terrenos de todos os grupos geológicos, embora não figurem todos os respectivos sistemas e alguns só tenham insignificante representação. Assim, no referente a êstes últimos, e bem que só de passagem, cita-se em Santa Susana um tracto do algônquico, derradeira extremidade da grande mancha agnotozóica de Évora; referem-se vários retalhos do devónico entre Palma e Alcácer do Sal e entre esta vila e Santa Susana, retalhos em que realçam os montes da Serrinha (185 metros) e de Palma (115 metros); apontam-se uns pequenos afloramentos do triásico no concelho de Sezimbra e uma estreita faixa do mesmo sistema, com orientação meridiana, no de Santiago do Cacém.

Eliminadas, pois, estas pequenas formações, entre aquêles supraditos terrenos, que não mencionaremos por ordem de idade relativa, mas segundo a sua extensão e importância na constituição dos solos agrícolas, destacam-se duas grandes manchas, uma do plioceno e outra do antracólítico, as quais predominam tão acentuatadamente sôbre as outras formações geológicas, que algumas destas, por assim dizer, emergem nelas como pequenas ilhotas no seio do mar.

A mancha pliocénica, a maior e de contôrno muito irregular, compreende a península de Setúbal na sua quási totalidade e a região entre o Sado e a orla marítima até Grândola. Nesta altura, por uma estreita faixa, interrompida a espaços por outras formações, desde Melides paralelamente à costa e, pelos concelhos de Santiago do Cacém, Sines e Odemira, êste já no distrito de Beja, penetra no Algarve até próximo de Aljezur; entre Grândola e o Sado êste tracto cenozóico avança por Santa Margarida e Alvalade até à Ribeira de Campilhas.

Para o Norte, entre a foz do Sado e Alcácer do Sal, êste mesmo tracto do plioceno entra na bacia do Tejo, abrangendo todo o território desde a ribeira de Marateca e Vendas Novas até ao Divor, a leste de Coruche, donde inflete direito a Alpiarça.

Como se vê, enorme porção do distrito de Setúbal assenta nesta mancha do terciário, que nêle ocupa grande parte dos concelhos de Alcochete, Montijo, Moita, Barreiro, Seixal, Palmela, Setúbal, Sezimbra, Alcácer do Sal e um bom pedaço do concelho de Grândola, fora diversos retalhos mais ou menos extensos nos concelhos de Santiago do Cacém e Sines.

Os solos derivados do plioceno, aqui vulgarmente chamados *terras de charneca*, além de fisicamente desequilibrados, sem condições de drenagem, sem capacidade de retenção para a água e para os princípios fertilizantes, são pobres de matéria orgânica, extremamente ácidos e paupérrimos de todos os elementos nobres, agrupamento de circunstâncias que torna êstes terrenos, cuja vegetação espontânea é composta quási só pela margaça e erva azêda, pouco ou nada propícios para a arvensicultura. Por o pinheiro, o sobreiro e, por vezes, a vinha se darem bem, estas espécies vegetais terão fatalmente de constituir o principal meio de valorização destas terras enquanto não fôr possível iniciar uma racional sucessão de culturas e substituir o actual sistema de fruição por uma bem organizada exploração agro-pecuária.

A terra, cansada por uma criminoso exploração feita à custa dos seareiros, que a empobrecem rapidamente, nega-se a produzir em virtude de ter estado sujeita a uma fertilização exclusivamente química, por consequência insuficiente, que mobilizou e consumiu tôdas as reservas orgânicas acumuladas durante centenas de anos, em que o terreno esteve invadido de mato. É contudo de registar que, nos concelhos do Seixal, Barreiro, Moita e em parte dos de Alcochete, Montijo e Palmela, o solo se encontra grandemente valorizado à custa dos lixos de Lisboa, nêle abundantemente incorporados todos os anos, e do estrume de curral, êste obtido em muito maior quantidade desde que a exploração do gado bovino leiteiro passou a fazer parte do sistema agrário agora seguido.

O antracólítico está representado pelo infracarbónico ou antracólítico inferior e pelo carbónico superior ou antracólítico médio.

O carbónico inferior, constituído por terrenos xistosos em permanente desagregação, forma uma extensa mancha que ocupa parte da região de Grândola e Santiago do Cacém até Sines, a qual se caracteriza por uma delgada camada arável.

O carbónico superior surge no concelho de Alcácer do Sal em três peque-

nos retalhos conhecidos por afloramentos do Moinho da Ordem, o maior dos quais com 2,5 quilómetros de comprimento por 450 a 750 metros de largo. Esta formação antracólítica, onde se encontra a bacia hulhífera de Santa Susana, actualmente objecto de exploração, só por isso aqui merece esta passageira referência com a observação de que é bastante minguada a sua possança.

Dos terrenos do infracarbónico, muito ondulados, ao contrário dos da mancha pliocénica, quasi planos, derivam solos conhecidos vulgarmente pelo nome de *terras galegas*, sujeitas à erosão por falta ou escassez de bases, mormente por ausência de cal, que coagulem a argila e portanto a estabilizem, defeito agravado pelo pendor do relêvo. Contudo a sua espessura nem por isso diminui; mantém-se por a camadá desagregada pelos instrumentos aratórios compensar a que é arrastada anualmente pelos agentes físicos. Terrenos com óptima percentagem de sílica impalpável ou *limo*, que, se não fôra o acentuado do relêvo e a proximidade do sub-solo rochoso, teriam muito boas condições físicas para as culturas, desempenham todavia importante papel na formação dos solos de várzea circunvizinhos.

Caracterizadas pela ausência completa de cal, como atesta a flora (fetos e castanheiros), as *terras galegas* contêm potassa em estado pouco assimilável, são deficientes nos outros elementos fertilizantes, mas produzem óptimas cortiças; a flora espontânea conta certas gramíneas (balanco e azevém), algumas compostas e determinadas espécies arbustivas, como o tojo e as estêvas, mas as pastagens são pobríssimas.

Em geral os lavradores fazem aqui num ano o alqueive com uma roça de mato, que é disposto em moreias cobertas de terra e queimadas; no ano seguinte semeiam trigo e aproveitam no terceiro uma cultura de aveia, voltando depois ao poisio, que às vezes dura oito, dez e mais anos.

Para evitar a erosão, parece talvez indicada nestas terras a cultura florestal em lugar da cerealífera, dadas as precárias condições de viabilidade que a arvensicultura nelas tem.

Além das manchas do carbónico e do plioceno, a que acabámos de aludir, outras formações geológicas, do secundário, do terciário e do quaternário, se encontram na área do distrito de Setúbal, as quais, embora só de passagem, merecem igualmente notadas.

Assim, no que respeita ao terciário neogénico, fora a mancha pliocénica descrita, cumpre mencionar as formações do mioceno, especialmente o de facies marinha, disseminado por vários tractos; forma boa parte do concelho de Almada, surge em estreitos mas compridos afloramentos na serra da Arrábida (concelhos de Palmela, Setúbal e Sezimbra) e acha-se disperso em retalhos nas zonas circunjacentes do vale do Sado.

No concelho de Almada o mioceno marinho, representado pelo burdigaliano, helveciano e tortoniano (com exclusão das assentadas mais inferiores dêste), é limitado ao sul pelos aluviões do Caramujo e pelas areias e saibros pliocénicos do Alfeite e ao nascente pelo Tejo desde a praia da Mutela até ao pontal de Cacilhas. A partir daqui, pelo renque de colinas que sobransseiam o Tejo, o afloramento

segue até à Traafria onde, por um estrangulamento em que assentam os fortes da Raposeira e de Alpena, inflete para o sul e reaparece ao longo da escarpa litoral até à lagoa de Albufeira e depois da Ribeira de Alfarim à Foz da Fonte.

O mesmo afloramento, que surge também nas ravinas que pendem para a lagoa de Albufeira e vale de Apostiça, emite um ramo ao longo da vertente setentrional da serra da Arrábida desde os alcantis ao sul da ribeira de Alfarim até Palmela, no qual apenas estão representadas as assentadas mais inferiores do burdigaliano até Vila Nogueira de Azeitão; só depois, com orientação NE., é que aparecem sucessivamente as restantes assentadas do burdigaliano e as do helveciano e tortoniano.

Do terciário marinho na Península de Setúbal, fora algumas outras fracções sem importância, há ainda a mencionar uma faixa ininterrupta, por alguns atribuída à última fase do numilítico, que desce da ribeira de Coina até ao extremo ocidental da base do monte de S. Luís, onde se bifurca, seguindo o ramo setentrional até Palmela e o meridional até Brancanes, ao norte de Setúbal, e daqui direito ao Alto do Viso, a ocidente da mesma cidade.

Na bacia do Sado encontra-se o mioceno marinho disperso em pequenos retalhos, dois dos quais na margem esquerda da ribeira de Marateca; os de Maceira, Montalvo e Valverde; vários nos arredores de Odivelas; em Alvalade; na serra dos Clérigos até próximo de Moitinho e Alberge e daqui a Vale de Reis; alguns pequenos afloramentos próximos da lagoa de Melides; na herdade de Palma e de Alcácer do Sal à Várzea da Ordem.

Observa-se também uma grande mancha lacustre, que forma parte dos concelhos de Grândola e Santiago do Cacém.

As terras derivadas do mioceno caracterizam-se por bastante ricas em elementos nobres. O solo é muito argiloso, difícil por vezes de trabalhar, e o sub-solo muito rico em cal.

No vale do Sado, entre terrenos de charneca e de várzea, surdem nas encostas várias formações miocénicas, aqui chamadas *barradas*, as quais constituem transição entre êsses dois tipos agrológicos; são terras ricas em matéria orgânica, com elevado poder de retenção para a água e para os princípios minerais, mas fisicamente desequilibradas em virtude do excesso de argila, que contêm.

Instintivamente, quere dizer, sem saber porquê, o lavrador costuma nestes terrenos fazer alqueives profundos, dos quais resulta a mistura do calcáreo do sub-solo com a argila da camada superficial, aumentando assim a floculação e beneficiando portanto as propriedades físicas destas terras.

Na flora espontânea aparecem papilionáceas (géneros *Medicago*, *Lathyrus*, *Scorpiurus* e *Vicia*), algumas gramíneas (balanco e joio) e papaveráceas.

Os terrenos secundários estão representados por formações dos seus três sistemas.

Com efeito, o cretácico neocomiano aparece na Arrábida disposto a todo o comprimento da serra numa estreita faixa constituída por grés grosseiros, excepto na extremidade ocidental, onde aparecem calcáreos e conglomerados.

O jurássico está representado nas suas três séries.

O infrajurássico ou *lias*, constituído por calcáreos dolomíticos e às vezes siliciosos, aflora no serra da Arrábida; esta mesma formação, composta na totalidade por dolomites brandas e fossilíferas, surge também no concelho de Santiago do Cacém.

O jurássico médio ou *dogger* aparece nos mesmos lugares. Na Arrábida aflora o jurássico bajociano, formado por alternância de margas e de calcáreos dolomíticos, e o batoniano, constituído por calcáreos brancos, que aparecem em pequeníssimo retalho no concelho de Santiago do Cacém.

O jurássico superior ou *malm* encontra-se representado pelos seus andares — o lusitaniano e o neojurássico.

As formações do lusitaniano inferior, constituído por calcáreos amoníticos em alternância com calcáreos de lamelibrânquios e com calcáreos coralinos, encontram-se na serra da Arrábida e no cabo de Sines.

O lusitaniano superior, que só aflora na serra da Arrábida, «é quasi inteiramente calcáreo desde o cabo Espichel até Sezimbra; mas logo a E. desta povoação aparece uma assentada de calhaus rolados, na maior parte calcáreos, cimentados por um calcáreo de origem orgânica e contendo fósseis marinhos; esta rocha é bastante compacta e rija para poder utilizar-se como mármore e constitui o famoso *mármore brecha da Arrábida*» (Prof. Felipe de Figueiredo).

O neojurássico, composto por calcáreos e conglomerados, surge apenas na Arrábida.

Os solos derivados dos terrenos secundários possuem características semelhantes aos do mioceno, mas são muito mais calcáreos e, por consequência, pulverulentos, aflorando a rocha à superfície.

Surge ainda uma formação meteórica no Torrão, terra de admiráveis qualidades para a cultura da oliveira e para pastagens, onde abundam as papilionáceas e gramíneas.

Finalmente, deparam-se os terrenos quaternários, que constituem as várzeas marginais do Sado e de alguns dos seus afluentes.

Estes terrenos apresentam-se mais soltos nas suas fases iniciais e o solo, formado de grãos grosseiros com pouca coesão, desprovido de colóides minerais e orgânicos, mostra, em perfis, níveis mais ou menos profundos de calhaus rolados e de saibros.

De montante para jusante acentua-se progressivamente a deposição dos materiais mais finos e ténues e o perfil vai-se tornando mais homogéneo até ao momento em que a aluviação é substituída pela eluviação. É esta a zona de transição entre a várzea propriamente dita e o sapal, zona em que, antes de atingida, se situam as várzeas férteis, dotadas de excepcionais qualidades agrícolas, e por isso apropriadas para a intensificação cultural.

São estas várzeas que no plano de colonização interna estão destinadas ao estabelecimento das futuras explorações familiares de regadio.

Mais para jusante a argila chega a 90 %, pelo que aumenta a compacidade e

tenacidade dos terrenos bem como o teor destes em cloreto de sódio; são os sapais, que produzem as pastagens salgadiças e que, quando susceptíveis de dessalga, dão magníficas terras de arroz.

Nas margens do Sado emergem também manchas pliocénicas de fraco valor agrícola e terrenos de turfa, estes testemunhos da existência de florestas em épocas secularmente remotas. As terras turfosas, devido ao seu elevado teor de matéria orgânica, são duma fertilidade inexgotável quando corrigidas com calagens racionalmente applicadas.

Estas várzeas encontram-se especialmente em Santa Catarina, Marateca, no curso superior do Sado, na ribeira de Campilhas, em Santa Margarida e nas margens do Xarrama.

Nos terrenos de várzea do primeiro tipo as pastagens são pobres e escassas as produções cerealíferas; nos do segundo tipo, quando corrigidos e fertilizados com adubações fosfopotássicas, as culturas de cereais de sequeiro ou de régadio e as das papilionáceas atingem elevadas produções. Os pastos são óptimos e a plantas que os constituem, encontram-se bem combinadas (um hectare de erva directamente aproveitada pelo gado até meados de Março produz em Maio 120 fardos de feno com o pêso de 25 quilogramas cada um).

As pastagens, aqui constituídas principalmente por papilionáceas (géneros *Medicago*, *Scorpiurus*, *Vicia*, *Lathyrus*, *Ornithopus* e *Trifolium*), gramíneas e compostas, formam duas camadas quando deixadas para feno: uma, mais rasteira, de luzernas bravas, cornilhões e trevos; a outra, com maior altura, constituída por ervilhacas, cizirão, serradelas, balanco, joio, azevém e saramago, sendo que esta última espécie, quando muito abundante, torna o feno grosseiro. Nas zonas frias desenvolvem-se também a suagem, a leituga, a margaça, etc., que produzem fenos ordinários.

Depois do feno colhido fica ainda uma manta de escalracho e grama, que constitui óptima pastagem na época de Verão.

HIDROGRAFIA

Para complemento deste esboço geo-agrológico, eis rapidamente o que se nos afigura mais importante acerca da hidrografia deste distrito:

Águas correntes — No distrito de Setúbal as águas de superfície repartem-se por três bacias hidrográficas — a bacia litoral, a bacia do Tejo e a bacia do Sado.

A bacia litoral, estreita faixa a todo o comprimento da costa marítima, pertencem insignificantes linhas de água, que correm para ocidente e desembocam ou directamente no oceano, como são as da penedia da Arrábida a norte e a leste do Cabo Espichel e as da vertente ocidental das serras do Cercal e de Grândola, tal a Ribeira de Moinhos e outras do concelho de Sinas, ou desaguardam nalgumas das

lagoas adjacentes ao mar, como a ribeira de Apostiça, na península de Setúbal, que aflui à lagoa de Albufeira, a de Melides, no concelho de Grândola, e a de Santo André, no de Santiago do Cacém, que alimentam as lagoas dos mesmos nomes.

À bacia do Tejo, limitada pelas alturas de Azeitão, Cabanas, Palmela e pequenas colinas da charneca da Lentugueira, na zona do Poceirão, afluem os cursos de água que na Península de Setúbal correm para o Norte e desembocam na parte em que o rio banha êste distrito.

Conquanto nasça fora da área do distrito de Setúbal, cabe aqui também mencionar a ribeira de Canha, que a jusante desta povoação se une com a ribeira de Lavre, ambas a formarem a ribeira de Santo Estêvão ou rio Almançor, o qual, depois de envolver pelo norte a povoação de Samora Correia, desemboca a sudoeste desta vila no braço do Tejo, que limita pelo nascente a lezíria de Vila Franca.

A bacia do Sado, a que pertence não só o resto do distrito de Setúbal, mas também a parte ocidental dos de Beja e Évora, ocupa a superfície de 7.627,59 Km.² e é limitada ao nascente pela linha divisória que passa pelas alturas de Ourique, Castro-Verde, Beja e Cuba, serra do Mendro e planalto de Évora, que a separa da bacia do Guadiana; pela divisória que de Divor liga a serra de Monfurado, planalto de Vendas-Novas e colinas do Poceirão, que a divide da bacia do Tejo; a sudoeste pelos contrafortes da serra do Caldeirão na freguesia das Relíquias, concelho de Odemira, que a separam da bacia do Mira, e daí para o N. pelas serras do Cercal e de Grândola, que pelo ocidente a extremam da bacia litoral.

O Sado, único rio português que corre do Sul para o Norte, nasce na serra do Caldeirão a SW. de Ourique, segue com direcção NW. até Alvalade e daqui com orientação meridiana até à confluência com o Xarrama; depois, bastante sinuoso, curva-se de SE. para NW. e forma na sua secção terminal um amplo estuário.

Rio de planície, com caudal volumoso e constante, no seu percurso de 175 quilómetros, apenas com algumas diferenças de nível no trôço superior, é navegável até Pôrto de Rei, 70 quilómetros da foz, o que o torna sobretudo valioso como via de comunicação interior. Até Alcácer do Sal, onde chegam as marés, sobem navios de pequena lotação; até Pôrto de Rei vão barcos de pouco calado.

O vale-planície onde corre o Sado, é formado por aluviões de composição mineralógica muito diversa para ali arrastadas pelos seus numerosos afluentes, cujos mais importantes, do Sul para o Norte, são os seguintes:

Na margem direita:

Ribeira do Roxo—Principia no planalto de Beja e entra no Sado pouco a montante das Ermidas.

Ribeira de Figueira—Começa nas alturas de Mombeja, concelho de Beja, e passa próximo de Figueira dos Cavaleiros, que lhe dá o nome.

Ribeira de Odivelas—Nasce na serra do Mendro, corre ao sul de Alvito e banha a povoação de que recebe o nome.

Rio Xarrama — Nasce no planalto de Évora, passa junto dessa cidade e ao norte da vila do Torrão.

Ribeira de Algalé — Pequeno veio de água, nasce nas alturas a oeste da vila das Alcáçovas e aflui ao Sado depois de haver passado junto do lugar de Algalé, de que recebe o nome.

Ribeira das Alcáçovas — Começa no planalto de Évora, corre ao norte, mas a certa distância, da vila das Alcáçovas, que lhe dá o nome, passa junto de Santa Catarina (Sítimos), pelo que também é conhecida por Ribeira de Santa Catarina, e desemboca a montante de Alcácer do Sal depois de reforçada na margem direita pelo rio Mourinho, que desce da serra do Monfurado.

Ribeira de S. Martinho — Nasce nas alturas de Mourel, na serra do Monfurado, corre pouco ao norte da povoação de S. Martinho, de que recebe o nome, passa próximo de Palma e entra no Sado a jusante de Montalvo.

Ribeira de Marateca — Principia nas alturas de Safira, concelho de Montemor-o-Novo, corre um pouco ao sul de Cabrela, passa entre as povoações de Marateca e Águas de Moura e desemboca num braço do estuário do Sado.

Na margem esquerda:

Ribeira de Campilhas — Nasce na serra do Cercal e aflui ao Sado pouco a jusante de Alvalade depois de reforçada em ambas as margens com o caudal de alguns outros veios de água.

Ribeira de Corona — Nasce na serra de Grândola, banha a vila dêste nome e despeja no Sado a montante de S. Mamede.

Rio Arcão — Principia na charneca de Grândola e entra no Sado abaixo de Vale de Guiso depois de engrossado por algumas nascentes.

Na zona estuária do Sado, os terrenos adjacentes, aluviais, baixos e alagadiços, são bordados de salinas, despidos de vegetação, despovoados e, portanto, monótonos; os sapais e as aluviões como que dificultam a vizinhança das populações com o rio. De Alcácer do Sal para cima muda a paisagem; começam os montados de sôbro a acompanhar as margens.

Na orla do rio e dos seus afluentes, que no conjunto formam uma extensa rede fluvial, e onde, conforme dissemos, se encontram várzeas feracíssimas, a orizicultura, sempre que possível, ocupa lugar de preferência na exploração do solo.

A despeito de numerosos os cursos fluviais que lhe sulcam o território, êste distrito não é favorecido de águas correntes. Os caudais, deficientemente alimentados, são escassos na maior parte do ano por insuficiência e má distribuição da pluviosidade, praticamente nula no trimestre do Verão, inconveniente agravado pela intensa evaporação e falta de correcção dos alveos; só o Sado conserva massa líquida apreciável, ainda que os trabalhos de regularização dêste rio bem podiam melhorar o seu aproveitamento agrícola.

Ocorre a êste propósito aludir aqui às barragens do Pego do Altar (barragem Salazar) e do Vale do Gaio, uma e outra no concelho de Alcácer do Sal e já ambas em adiantada construção.

A primeira, situada no Pego do Altar, freguesia de Santa Catarina, é alimentada pela ribeira dêste nome, ou Ribeira das Alcáçovas, e tem capacidade para cêrca de oitenta milhões de metros cúbicos; a segunda, no rio Xarrama a jusante da vila do Torrão, tem capacidade aproximada de setenta milhões de metros cúbicos.

Estas duas barragens estão projectadas para irrigar 10.000 hectares de várzea nas margens da Ribeira de Santa Catarina e nas do Xarrama e do Sado, cumprindo todavia dizer que nos cálculos da superfície a irrigar estão incluídos terrenos há muito beneficiados com as águas dos referidos cursos fluviais e ribeiros colaterais.

Da barragem do Pego do Altar saem dois canais que acompanham ambas as margens da Ribeira de Santa Catarina.

O canal da margem direita ladeia esta até Vale de Matança, onde passa a ser subterrâneo até Vale de Reis (cêrca de 4 km.); daqui acompanha a margem direita do Sado até Palma, onde termina.

O canal da margem esquerda acompanha esta até à foz no rio Sado, segue daqui, de montante para jusante, a margem direita dêste rio até ao lugar do Senhor das Chagas, na herdade da Masseuria, e liga-se neste ponto com o canal saído da barragem do Vale de Gaio, que acompanha a margem direita do Xarrama. O canal resultante da fusão dêstes dois atravessa então o Sado e ladeia êste pela margem esquerda até à Comporta.

Em complemento desta obra de hidráulica agrícola projecta-se a instalação, junto à barragem do Pego do Altar, duma central hidro-eléctrica capaz de produzir dois milhões de quilovates-hora, energia a encorporar no cabo de alta tensão que liga Setúbal com Évora.

Estão em estudo outras barragens, como a de Campilhas, S. Romão e Marateca, por intermédio das quais se pretende irrigar mais 10.000 hectares, mas as obras não foram ainda iniciadas.

Águas subterrâneas— Quanto às águas intratélúricas, encontram-se elas copiosamente a pouca profundidade em tôda a mancha pliocénica e, não obstante mal exploradas, são ainda assim a maior reserva aquífera de que êste distrito dispõe.

É em consequência da má exploração da camada freática que a região sadina é das mais doentias. «O vale do Sado, escreve o professor Felipe de Figueiredo, e quasi tôda a sua vasta bacia é talvez das regiões mais insalubres do país por causa da enorme quantidade de águas subterrâneas que ali se encontram. A bacia do Sado é coberta pelos depósitos permeáveis do pliocénico, repousando sobre os terrenos antigos impermeáveis; as águas assim retidas formam uma extensa toalha subterrânea que, em virtude da evaporação superficial, vai subindo com auxílio da capilaridade, ou rebentam aqui e acolá quando os acidentes do terreno lho permitem, formando paúis ou encharcando algumas várzeas. A cultura dos arrozais mal dirigida completa o resto.»

Já outro tanto não sucede na península de Setúbal, mercê da temperatura mais moderada nesta parte do distrito. A extensa e farta camada freática, con-

quanto aqui também pouco profunda, é explorada por meio de numerosos poços, que em muitos pontos avizinham uns dos outros, e a água, assim trazida à superfície, aplicada em abundância na rega das hortas e pomares.

ASPECTOS CLIMÁTICOS

Torna-se impossível, por falta de postos meteorológicos, dar uma idéia precisa do clima dêste distrito. Desconhecem-se quasi por completo, para não dizer em absoluto, os elementos que, embora muito sucintamente, o deixem definir concretamente sob êste ponto de vista.

À parte a restrita zona de noroeste, a que poderão tornar-se extensivos os dados do Observatório do Infante D. Luís (Lisboa), no mais apenas é possível aludir aos elementos climáticos no que respeita aos factores que os condicionam; fora disso, não obstante os poucos números e outras referências a seu respeito, só surpreendendo êsses elementos na expressão dos seus efeitos é que será possível ajuizar do clima do distrito de Setúbal. De facto, na falta de dados meteorológicos, a flora fornece preciosas indicações sobre o clima.

Dentro dêste critério havemos de notar que a configuração estreita e alongada na direcção N.-S. à beira do Atlântico, que o banha por W. em todo o seu comprimento; os recortes mais ou menos extensos, ainda que pouco profundos, da sua relativamente desenvolvida costa marítima; a intromissão do Tejo e do Sado, que na sua secção inferior formam dois espaçosos estuários, verdadeiros mares interiores que o invadem muito para dentro e o recortam por vários braços que avançam mais ou menos pelo seu interior; a situação, orientação e altitude relativa dos seus maiores relevos, tudo, em fim, se congrega para no distrito de Setúbal criar verdadeiros compartimentos climáticos, restritos mas suficientes para influírem na divisão regional, agrícola e pecuária, dêste complexo territorial.

Assim, dum modo geral, na península de Setúbal e na orla litoral alentejana, dada a proximidade do oceano, domina o clima marítimo, definido por pequenas variações de temperatura entre o dia e a noite e melhor distribuição das chuvas.

Na península de Setúbal a feição litoral do clima penetra profundamente mercê dos dois estuários, o do Tejo com 261 Km.² e o do Sado com 115,40 Km.². A temperatura média regula por 10° em Janeiro, 16° em Maio e 21° em Agosto e as oscilações térmicas não excedem geralmente 10°; por via de regra a pluviosidade é suficiente e a umidade relativa bastante durante o ciclo vegetativo.

O clima continental, pelo contrário, caracteriza a parte alentejana do distrito e evidencia-se por chuvas escassas, irregularmente distribuídas e quasi exclusivas no Inverno; temperatura média de 16° mas com grandes amplitudes e sujeita a bruscas oscilações, coincidentes com o início da vegetação e da floração; elevada secura atmosférica na época estival e, simultaneamente, intensa evaporação e frequentes suões (ventos quentes do sul), os quais, ajustando-se com as últimas fases do ciclo vegetativo, se tornam adversos à cultura dominante, a dos cereais, com tôdas as contingências próprias do cultivo de sequeiro.

O vale do Sado, até onde chega a influência dêste curso de água para um

e outro lado perpendicularmente às margens, mantém pontos de contacto com o clima territorial, mas sujeito a irregularidades ainda mais bruscas e pronunciadas; muito mais frio no Inverno e mais quente no Verão, falta-lhe a acção temperante da brisa marítima e o rio, em vez de desempenhar o papel de regulador, torna a região acentuadamente álgida (a temperatura chega, por vezes, a baixo de 0º) e úmida na época hibernal, passando a Primavera quasi despercebida.

Decorrido o Inverno, a temperatura e a evaporação, ainda suficientemente baixas, aumentam já sensivelmente e vão subindo por Maio e Junho fora, de modo que a secura se torna cada vez mais pronunciada, não obstante no primeiro destes dois meses o cubo hidrometeorico ser ainda nalguns anos relativamente apreciável, e até mesmo, mas muito mais excepcionalmente, no segundo. No Verão o calor é ardente (em Agosto a temperatura chega, às vezes, a 40º) e a secura extrema; a temperatura e a evaporação atingem o mais elevado grau até sobrevirem as primeiras águas no principio do Outono, mas que não raro só tardiamente começam a cair, no final de Outubro, mesmo por vezes em Novembro.

A conjunção da temperatura elevada com a baixa umidade relativa começa logo a revelar-se activamente na secção inferior do Sado, em ambas as margens do qual, até Alcácer do Sal, a evaporação é tripla da do litoral de Aveiro, motivo por que nesta zona do distrito setubalense há em cada ano três épocas de salinagem.

Outra expressão da simultaneidade dos mesmos fenómenos meteorológicos é a concomitância do sobreiro, que encontra as melhores condições de solo e clima em todo o Baixo Alentejo Litoral, com o pinheiro manso, espécie de iguais exigências edáficas e climatéricas. Com efeito, o pinheiro marítimo, ávido de umidade na atmosfera, predomina por isso em todo o litoral ao norte do Tejo, mas deste rio para baixo começa a ser acompanhado pelo pinheiro manso, que suporta temperaturas mais altas, resiste muito melhor à secura do ar e compraz-se com luminosidade mais viva, o que tudo se exacerba a tal ponto na região sadina, que o pinheiro bravo prestes suspende o seu avanço para o sul e cede de vez o lugar à espécie afim, que no entanto jamais aqui se reúne em vastos povoamentos como a outra resinosa na região cistagana; apenas forma pequenos agregados na bacia média do Sado.

Referidos muito a correr os aspectos gerais do clima no distrito de Setúbal, vejamos alguns outros mais particulares que nêle criam certos compartimentos, restritos mas bem caracterizados, mercê de circunstâncias que por isso requerem breves referências.

Um dos factores que empresta o seu contributo para a feição do clima é o relêvo e a exposição. Ora a serra da Arrábida, com a altitude de 499 metros, garante pelo meio-dia a península de Setúbal desde a colina de Palmela (269 metros) até ao cabo Espichel, penedia alteada 150 metros sobre o mar. Com o comprimento de 35 quilómetros em toda a extensão no sentido ENE.-WSW. e a largura média de 6 quilómetros, esta serra ladeia a costa, na qual forma em alguns pontos uma escarpa abrupta de 200 a 300 metros de altura sobre o oceano.

Situada junto do litoral e desenvolvida em comprimento na direcção concordante com a costa sul da península setubalense, mas mais ou menos transversal

à linha geral da costa ocidental portuguesa, a serra da Arrábida está livremente exposta aos ventos atlânticos, os quais, muito frequentes, contra ela incidem mais ou menos perpendicularmente segundo o rumo donde sopram, ou a varrem em sentido longitudinal, circunstância que em qualquer dos casos, no primeiro pela direcção da incidência e no segundo pela altitude, favorece o teor udométrico, o qual, habitualmente da casa dos 500 a 600 milímetros na península de entre Tejo e Sado, de certa altitude para cima logo varia de 700 a 800 milímetros, e até mais nalguns pontos, sem falar na melhor distribuição das precipitações.

A vertente setentrional desta serra, fustigada pelas nortadas, encontra-se em parte desnudada, mas na pendente oposta, abrigada dessas correntes frias, desafrentadamente exposta ao sul e em contacto directo e immediato com o mar, que lhe beija o sopé, surge, como que por encanto, uma fácies climática que surpreende pelo inesperado e belo da sua manifestação. É que esta serra, a mais notável a vários respeitos dentro dêste distrito, além de complexa no ponto de vista da tectónica e constituição litológica, não o é menos quanto ao aspecto da sua flora. «Arbustos, diz o professor Joaquim Rasteiro, que noutras partes sobem, quando muito, a 2 ou 3 m. de altura, como a murta, o aderno, o folhado, a aroeira, o medronheiro, alcançam ali um desenvolvimento extraordinário, desconhecido em qualquer outro ponto da Europa».

Mas não só o porte arbóreo que as espécies arbustivas mencionadas lá adquirem; entre exemplares da flora autóctone irrompem a alfarrobeira, árvore tipicamente mediterrânica, a palmeira das tâmaras e a das vassouras (esta só na parte oriental da serra), ambas oriundas da África setentrional, que tôdas encontram nesta vertente da Arrábida a temperatura e mais condições necessárias para viverem e frutificarem como se estivessem no seu meio natural, sem falar doutras espécies, indígenas da Austrália e da África do Sul, também ali com óptima vegetação.

Assim se depara nesta parte da serra com um trecho onde de mistura com muitos e variados espécimes das zonas temperadas e úmidas das nossas províncias nortenhas aparecem inopinadamente outras da flora mediterrânica; «um pequeno retalho do Algarve situado quâsi às portas de Lisboa», nota o professor Amorim Girão.

Caso um tanto análogo ocorre na orla ocidental do Baixo Alentejo, onde a flora climática está bem tipificada no sobreiro, que invade quâsi todo o terreno. O clima, quente e sêco, queima a vegetação e apouca a actividade rural, mas a serra do Cercal (377 metros) e a de Grândola (323 metros), orientadas na direcção meridiana em seguimento uma da outra e paralelas à borda do Atlântico, de que pouco distam, logo quebram a monotonia, perturbam a expressão geral da flora e variam o aspecto da paisagem.

De facto, são êsses dois acidentes orográficos que, não obstante a sua fraca altitude, emprestam à pluviosidade caracteres que se não observam no resto da zona alentejana dêste distrito. Comprimida entre o vale do Sado, que lhe corre a leste no mesmo sentido, e o cordão de medos, que da foz do rio ao cabo de Sines acompanha sem interrupção no seu longo caminho de 65 quilómetros a costa ma-

rítima, baixa e arenosa, aquela cortina montanhosa, exposta ao embate dos ventos mareiros, provoca uma sufficiente condensação da umidade por êstes arrastada, suaviza a ardência da temperatura, promove o aumento do cubo hidrometeorico, que chega a ultrapassar 800 milímetros, regulariza melhor a sua distribuição e cria assim pequenas estações climáticas afeiçoadas à horticultura e à arboricultura frutífera, de que é exemplo bem frisante o concelho de Santiago do Cacém, apreciável região pomícola.

DIVISÃO REGIONAL

Ao contrário dos distritos alentejanos, em que todavia não é difícil surpreender diferenças entre êles e até mesmo dentro de cada um, o distrito de Setúbal está longe da uniformidade que a exploração rural nêles reveste. Excluídos em absoluto os agentes de natureza económica, qualquer que seja a sua índole, modo de influírem e vigor da acção, os elementos climáticos, em que destaca o escasso teor pluviométrico, quási circunscrito ao Inverno, em que sobressai a temperatura com largas amplitudes diurnas e estacionais e ressalta no Verão o elevado grau térmico de concomitância com a extrema secura do ar, tão límpido e transparente que a umidade relativa não passa por vezes de 30 %, fenómenos êsses que nessa época do ano tornam o país transtagano verdadeiramente abrasador e tanto activam a evaporação, que chega em Beja a 406,4 milímetros em Agosto e a 2.307,7 milímetros na roda do ano, os elementos climáticos, íamos nós a dizer, impõem acentuatadamente o seu dinamismo sôbre os factores edáficos, ainda que o dêstes em caso algum seja totalmente preterido.

Compartimento geográfico pouco acidentado, aproximadamente com um têtço da superfície total do País e em cujo revestimento florestal dominam os dois quercos da folha persistente e coreácea — o sobreiro e a azinheira, na exploração rural, feita em regime latifundiário, prevalece sobremaneira a cultura dos cereais de pragana. Para assinalar contrastes, não será também fora de propósito aqui recordar que nos fins ou meados da Primavera, por efeito da grande secura do ar, bastam poucos dias de calor intenso, até às vezes poucas horas, para secar quási de repente a vegetação herbácea, deixando-a como se fôra queimada; outro tanto acontece com as árvores de folhagem caduca, que se desprende prematuramente queimada pelo calor do sol.

«O Alentejo constitui, por isso, debaixo do ponto de vista geográfico, uma bem impressiva região portuguesa, a mais extensa mas também a mais monótona de tôdas, semi-desértica e de paisagem triste, onde se percorrem às vezes muitas léguas sem encontrar um povoado, por intermináveis montados de sôbro e azinho, onde o solitário *monte*, a malta dos trabalhadores ou o pastor demonstram os únicos sinais de ocupação do solo pelo homem» (Prof. Amorim Girão).

Não assim todo o distrito cetobrigense. «Quem desce de Canha e Alcácer do Sal até Setúbal, na península de entre Tejo e Sado, e domina desde o promontório da Arrábida a paisagem circundante, respira afinal a longos tragos uma plena vida e uma doce alegria. Acaso não há no País panorama nem mais belo nem

maior nem mais nobre nem mais variado. Nem o calor tisna no Verão as vegetações, nem o frio do Inverno as atrofia. Por tudo isto, a população abunda sem exorbitar, como no Minho, e o habitante reúne à laboriosidade de uma vida agrícola a liberdade de uma existência mais ampla. Por tudo isto, a flora é variada, reunindo o pinheiro bravo e o manso, a vinha, a oliveira e o carvalho, o trigo, o milho e o centeio» (Oliveira Martins).

Mas os factores ecológicos que desde o princípio desta parte temos vindo a notar, não são únicos a agir; outros bem diferentes, de natureza económica nos seus efeitos, se vêem com êles fundir e dessa unificação resultam novos agrupamentos ou combinações, cujos elementos obram por sua vez de modo particular. De facto, a interferência dos factores económicos cuja importância na vida desta unidade distrital logo de comêço pusemos em destaque, o aumento populacional, constante e sensível, dos centros industriais estabelecidos na margem sul do Tejo, não pode naturalmente deixar de imprimir feição própria à exploração rural nessa parte do distrito de Setúbal, impelindo-a no sentido de prover ao abastecimento dos núcleos urbanos ali constituídos de há anos a esta parte e que progressivamente se têm vindo a desenvolver.

Não há-de também alhear-se a vizinhança da cidade de Lisboa, grande centro de consumo, onde agora se aglomera a décima parte da população geral do País. Ligada com a fronteira setentrional dêste distrito por vias de fácil e rápido acesso sulcadas de constante por diferentes e numerosos meios de condução (camionagem, caminho de ferro e transportes fluviais), que põem em estreita comunicação as duas margens do Tejo na secção terminal do seu curso, a proximidade da capital não pode deixar de repercutir-se no sistema de explorar a terra, solicitada ainda mais vivamente no mesmo sentido.

Queremos realçar estas particularidades, ninharias à primeira vista, mas para nós de suma valia, porque elas se relacionam intimamente com o que na devida oportunidade hemos de dizer acerca da introdução e expansão do gado turino nesta parte do distrito setubalense e no modo que a exploração dêle veio por fim a tomar.

No distrito de Setúbal as principais feições da actividade rural parecem consubstanciar-se na horticultura e arboricultura frutífera, a noroeste; na orizicultura, ao centro e a nordeste; na frumenticultura e outros cereais acessórios, ao sul.

A estas três feições agrícolas correspondem outros tantos aspectos da exploração pecuária, assinalados especialmente pelo carácter da bovicultura em cada uma delas. À primeira anda intimamente aliada a exploração dos bovinos leiteiros; a segunda, com exigir até agora o concurso do gado bravo, tem conferido a êste um especial valimento na respectiva área; com a terceira se acomodam bem as aptidões económicas do gado bovino transtagano.

Estas formas de exploração, que não invalidam nem mesmo restringem outras que cumpre considerar no ponto de vista zootécnico, podem por isso servir de fundamento para a divisão do distrito de Setúbal nas seguintes regiões agro-pecuárias:

Região de noroeste — Coincidente com a península de entre Tejo e Sado, praticamente limitada ao nascente pela estrada do Montijo a Setúbal, tem carácter estremenho e abrange os concelhos de Almada, Barreiro, Moita, Seixal e Sezimbra; as freguesias do Montijo e Sarilhos Grandes, do concelho de Montijo; a freguesia do Samouco, do concelho de Alcochete; as freguesias da Quinta do Anjo e Palmela, do concelho de Palmela, a que há-de juntar-se a parte ocidental da do Pinhal-Novo, ponto de passagem comum a esta região e à seguinte; por fim o concelho de Setúbal com exclusão de parte da freguesia de S. Sebastião, que nas margens do Sado termina a linha divisória desta região com a seguinte, as quais se confinam mas se não confundem.

No ponto de vista que aqui importa, esta região compreende duas zonas: a *Outra-Banda*, constituída pelos concelhos e freguesias marginais do Tejo e parte da do Pinhal-Novo; a *Arrábida*, formada pelos concelhos de Setúbal, Sezimbra e aquelas duas freguesias do concelho de Palmela.

Na zona da Outra-Banda predomina a cultura hortícola, que a partir da margem do Tejo penetra alguns quilómetros para o interior. A terra, dividida em pequenas courelas sempre cobertas de mimos, é um viçoso jardim, principalmente nos concelhos do Seixal e da Moita e nas freguesias de Sarilhos Grandes, Montijo e Samouco (como de resto mais ou menos em tôda esta zona ribeirinha), onde esmeradamente se cultiva a batata, o tomate, o repolho, a couve lombarda e a couve flor, juntamente com a vinha e árvores de fruto, que tudo se destina ao consumo dos núcleos urbanos ali estabelecidos e, sobretudo, ao mercado de Lisboa.

Na zona da Arrábida, principalmente no concelho de Setúbal e nas duas freguesias do de Palmela, a cultura hortense, pôsto tenha lugar de destaque, sobretudo por influência da capital do distrito, cede parte da sua importância aos pomares (designadamente os laranjais, que tanto exaltam em beleza e encanto as viçosas baixas de Palmela), aos olivais e à vinha (é afamado o moscatel de Setúbal, produzido principalmente nas duas freguesias de Azeitão e na da Quinta do Anjo).

Exceptuados os laranjais, os pomares não são aqui constituídos por uma única espécie; vivem muitas vezes promiscuamente a pereira, a macieira, o pessegueiro, o damasqueiro, a gingeira, a romanzeira e o marmeleiro, associados ou não à horticultura na mesma exploração.

Os produtos sobrantes do consumo regional (Setúbal) vão abastecer o mercado de Lisboa.

Na península de Setúbal, onde por efeito do carácter especial da exploração agrícola a propriedade rural se encontra muito fragmentada e os labores da terra só por raridade não são feitos a braço, o sistema de exploração pecuária irmana-se muito com o da região saloia do distrito de Lisboa. O gado bovino de raça turina, disfrutado em regime estabular ou misto, mas neste caso com predomínio da estabulação, tem como fim principal a produção de leite para consumo em natureza e a do estrume para fertilizar os paupérrimos terrenos sujeitos geralmente a culturas intensivas, transformando terras naturalmente improdutivas

em mimosas hortas e pomares e em pequenas courelas cerealíferas de excepcional produtividade.

Assim explorado pela função lactífera e pela copropoese, o gado turino assume grande domínio nesta região, conforme havemos de particularizar pouco mais adiante.

O gado bovino de trabalho, quasi apenas representado por bois mirandeses mais ou menos inselectos, só é utilizado em serviços de carretagem. Do que dissemos àcerca dos trabalhos e amanhos do solo, logo naturalmente se infere que tal gado tem aqui pequena importância, motivo por que nesta parte do distrito se não faz criação dêste armentio; é uma região de desgaste.

O gado suíno é engordado em cortelhos ou malhadas, onde vive permanentemente estabulado.

Não há criação cavalariça; os animais desta espécie são adquiridos já adultos e prontos a trabalhar.

São muitos os rebanhos de gado ovino, mas de efectivos reduzidos, excepto os da zona de Azeitão, com maior número de cabeças, da qual fazem parte as freguesias de Vila-Fresca (S. Simão) e Vila-Nogueira (S. Lourenço), ambas do concelho de Setúbal, as vizinhanças do concelho de Sezimbra, e a freguesia da Quinta do Anjo, do concelho de Palmela. É nesta zona que se fabrica o afamado queijo conhecido no mercado por *queijo de Azeitão*, nome regional.

Região ribatejana-alentejana — Esta região, que assim designamos por virtude do conjunto das suas principais características, confina a oeste com a península de Setúbal; ao norte com o Ribatejo (baixas do Sorraia); a leste e sul com o concelho de Montemor-o-Novo (região de Vendas-Novas) e com o de Viana do Alentejo (com êste só a leste). O seu extremo meridional não é fácil de delimitar, porque a cultura orizícola continua para o sul do distrito abaixo de Alcácer do Sal, tanto pela beira-mar fora como ao longo do vale do Sado e afluentes, mas em manchas dispersas e já sem o concurso do gado bravo e seus mestiços, substituídos pela sub-raça alentejana.

Pertencem-lhe portanto a freguesia de Canha, do concelho de Montijo, e a de Alcochete, do concelho do mesmo nome; a parte oriental da freguesia do Pinhal-Novo e toda a de Marateca, ambas do concelho de Palmela; as de Palma, S. Martinho, Santa Susana, Vale de Reis, parte da de Montevil e da de Sítimos e as duas de Alcácer do Sal, todas do concelho dêste nome; e a parte oriental da freguesia de S. Sebastião, do concelho de Setúbal.

Na exploração agrícola prevalecem os montados de sôbro e na cultura arvense sobreleva a orizicultura a ponto de imprimir carácter à região.

No ponto de vista pecuário a nota dominante é dada pelo gado bravo e produtos do seu cruzamento com o gado transtagano (alentejano e mertolengo). No resto, pelo que toca à exploração das outras espécies, confunde-se com a parte propriamente alentejana do distrito e é já uma região criadora que não só se auto-abastece, como exporta todas as qualidades de armentios.

Região alentejana — Assim se poderá denominar a que compreende as freguesias meridionais do concelho de Alcácer do Sal e os concelhos de Grândola, Santiago do Cacém e Sines, onde domina a cultura dos cereais praganosos, mas em que a do arroz só figura nalguns tractos que para isso oferecem viabilidade.

Nesta região a exploração pecuária tem aspecto idêntico ao dos outros distritos do Alentejo, pôsto lhe faltem quási em absoluto os vastos montados de azinho, substituídos pelos de sôbro.

Aqui estão banidos por completo os produtos de cruzamento do gado bovino transtagano, êste de magníficos exemplares em estado de possível pureza, muito especialmente no concelho de Grândola.

Nesta parte do distrito é mais freqüente a criação de gado bovino para venda, que se efectua nos mercados locais e nos das regiões limítrofes ou, o que é menos habitual, a compradores que aparecem nas herdades.

Pastagens — Nas duas últimas regiões as pastagens naturais são criadas quási exclusivamente em pousios, que duram, em média, dois a cinco anos. De valor altriz muito irregular, pois varia conforme o ano corre ou não propício, são todavia sempre bastante pobres e insuficientes no Inverno, ocorrendo até, por vezes, morticínios relativamente elevados por inanição, se o lavrador se não apressa a suprir a carência de alimentos com rações suplementares, tomando vulto nas zonas orizícolas a palha de arroz.

Durante o trimestre da Primavera a ervagem não só abunda, como até sobra freqüentemente. Assim, enquanto no Inverno um hectare de pastagem mal chega para um bovino durante quinze dias, na estação seguinte sobeja em geral para a mesma cabeça durante três meses.

ESPÉCIES PECUÁRIAS

Nesta parte do nosso relatório daremos uma breve notícia do estado actual da indústria dos gados no distrito de Setúbal, sem deixar de aludir às causas, económicas ou de qualquer outra natureza, fortuitas ou ocasionais, que a estejam favorecendo ou perturbando mais ou menos.

CABALINOS

É o gado peninsular, mais ou menos infiltrado de influências estranhas, com predomínio do árabe, que se encontra neste distrito. Geralmente de pequena estatura devido à grande interferência do árabe e à fome, os equínos são, por via de regra, animais desproporcionados e de deficiente conformação.

Não vão longe os tempos em que a produção cavalar na área dêste distrito tinha grande importância. O lavrador, estimulado de novo pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários com a cedência de reprodutores selectos (na época de 1940 foram fornecidos pela Estação Zootécnica Nacional dez cavalos pais, distribuídos

por oito postos hípicas particulares e por um posto hípico oficial este ano criado em Grândola), parece cobrar ânimo para melhorar a sua produção equina, embora o ambiente económico não seja lá muito propício.

A motorização dos transportes e a aquisição dos cavalos pelos Serviços de Remonta do Exército só aos quatro anos constituem as principais razões a que há-de atribuir-se a falta de estímulo pela produção cavalar. A equicultura, com raríssimas excepções, limita-se hoje neste distrito às necessidades de cada exploração agrícola, vendendo o lavrador apenas um ou outro animal que lhe sobra, e os que por defeitos ou idade avançada foram substituídos.

Destina-se o gado cavalar a dois fins, consoante a região agrícola: na zona alentejana emprega-se em serviço de sela e nas gradagens; na região ribatejana-alentejana utiliza-se nos mesmos serviços e no descasque do arroz para semente.

As éguas e crias vivem em regime manadio, expostas ao rigor das estações e sujeitas às contingências do tempo, mais ou menos criador da ruim ervagem da região. Só alguns lavradores mais progressivos possuem *cabanões*, onde durante as noites geosas e tempestuosas as recolhem e lhes fazem distribuir alguma palha.

As éguas parem no campo e a desmama faz-se normalmente aos doze meses. Nalgumas herdades, como subsídio dos pastos, insuficientes no Inverno, dá-se-lhes diariamente no campo alguma palha de trigo.

Neste distrito só excepcionalmente o cavalo se destina à tracção, serviço por via de regra efectuado com o gado mular.

Para amancia e ensino as crias são recolhidas aos três anos, em geral pelo espaço de seis meses.

Durante o período de recolha o gado tem palha de cereais à descrição e duas rações diárias de aveia e fava.

A irregularidade do clima, a negligência dos maiores e a indiferença dos proprietários provocam com frequência vítimas por fome entre as crias e, por vezes, entre as mães.

Os ganhões vivem sempre estabulados e na maioria das vezes servem de montadas dos proprietários ou dos feitores.

A moda dos tractores, que chegou a constituir uma obcecção, está hoje amainando, empregados só quando indispensáveis, por necessidade urgente ou economia de tempo.

Na zona de noroeste, pode afirmar-se, não há criação hípica; os cavalos destinam-se quasi só à tracção.

Não podemos deixar de dizer que, apesar da decadência no quilate da criação hípica neste distrito, ainda existem produtores conceituados e com manadas de éguas mais ou menos seleccionadas, entre os quais destacamos Samuel Lúpi dos Santos Jorge, que nas suas herdades de Rio-Frio, Rilvas e Barroca d'Alva possui uma manada de 80 éguas regularmente conformadas, fora um lote de éguas e um ganhão puro sangue inglês, raça a cuja produção se vem consagrando de há anos a esta parte; José Maria Pósser de Andrade, na herdade de Palma, e a sociedade da herdade do Pinheiro, ambos no concelho de Alcácer do Sal; José Manuel

Sabido da Costa, no concelho de Santiago do Cacém; António Feliciano Branco Teixeira, na herdade do Escatelar, concelho do Montijo; Dr. Alberto de Aires Mateus, na herdade do Monte Novo, no concelho de Grândola.

MUARES

São quási exclusivamente animais eguariços; o muar asneiro é raro e de pequeno valor.

Enquanto novo, o gado muar vive com as mães em regime pastoril; depois de amansado e habituado ao trabalho passa ao regime estabular, muito excepcionalmente à meia estabulação.

Na região de noroeste não há criação muar, como aliás sucede com o gado bovino de trabalho e com o gado cavalari.

Na região alentejana e na do centro as muares são produzidas geralmente pelas éguas mais velhas da manada e pelas que, por diminuta estatura ou deficiente conformação, não são lançadas ao cavalo. Os pais são geralmente burros espanhóis, freqüentemente importados.

Muito valorizado e apreciado pela sua resistência e sobriedade, o gado muar tem largo emprêgo na tracção dos veículos agrícolas nas regiões alentejana e central.

ASININOS

Montada do pobre, o jumento existe por tôda a parte, mas predomina, em relação à área, na região estremenha, onde a dorso ou atrelado a pequenas carroças constitui o tractor indispensável para as exiguas necessidades do humilde proprietário rural. Rústico e pouco exigente, a sua utilidade tem sido contudo reduzida e apoucada pelo incremento da bicicleta.

Ao dois anos, em que principia a trabalhar, começa o seu fadário de privações acumuladas com as exigências do dono, a quem a míngua de cultura não deixa avaliar ou mesmo aperceber o préstimo dêste seu humilde servidor nas labutas e canseiras da vida quotidiana. O gericó nacional, que neste distrito forma o grosso da população asinina, apenas com.e a erva que apanha a dente, e a palha, que por vezes lhe é regateada.

Como produtor de gado mulateiro é utilizado o burro espanhol, de muito maior corpulência e, em virtude do seu alto valor, já tratado com maiores cuidados, mesmo com certo desvêlo, regalado em regime de permanente estabulação e convenientemente arraçoado.

BOVINOS

A bovicultura do distrito oferece modalidades conforme a região.

Na península de Setúbal tem principal importância a sub-raça turina; na região ribatejana-alentejana prevalece o gado bravo, mas predominam os produtos

do seu cruzamento com o alentejano e com o mertolengo, menos com o mirandês e até com o turino, e bovinos importados de Espanha; nos concelhos do sul a rês transtagana é representante quási exclusiva do gado bovino.

Exceptuada a vaca turina, explorada quási exclusivamente pelo estrume e leite, todos os outros grupos bovinos são aproveitados para trabalho e, finalmente, para o talho.

Postas estas observações, vejamos o regime de exploração seguido em cada região do distrito.

GADO LEITEIRO

Vários motivos concorreram para introduzir o gado bovino leiteiro na exploração zootécnica da península de Setúbal, cumprindo destacar, como principais, os que seguidamente vamos mencionar.

Nem por mais avocativo ou compulsivo, senão por sua objectividade, damos prioridade ao abastecimento do aglomerado urbano do concelho de Setúbal, desde que o leite entrou a ser alimento habitual, de uso corrente na alimentação.

De 1878 a 1890 o aumento dêste concelho derivou mais do seu desenvolvimento industrial que do incremento da sua agricultura, que passou até por uma fase de declíneo com certos prejuízos nos laranjais e a invasão das vinhas pela filoxera. Na verdade, a população da freguesia de S. Lourenço de Azeitão, uma das freguesias rurais, sofreu nessa época um decréscimo de 101 habitantes; a de S. Simão, outra freguesia rural da mesma região, teve o aumento de 162 almas, isto é, o acréscimo anual de 13,5 habitantes; nas quatro freguesias da cidade houve um acréscimo de 1.983 indivíduos, ou 165 por ano; Palmela, outra freguesia rural integrada então no concelho de Setúbal, acusou à sua parte o aumento de 1.314, quási tanto como as da cidade em conjunto e correspondente a 109,5 por ano. É esta, de facto, a freguesia cujo acréscimo populacional deriva dum relativo desenvolvimento da sua agricultura, mas para isso concorreu poderosamente a fundação da colónia agrícola do Pinhal-Novo, obra meritória do grande lavrador José Maria dos Santos.

O desenvolvimento populacional dos centros industriais da Outra-Banda veio naturalmente agir no mesmo sentido, criando novos mercados consumidores ou desenvolvendo os já existentes.

Cabe também referir a proximidade de Lisboa, ainda que tal circunstância, por razões dentro em pouco invocadas, não haja de per si contribuído grandemente. O inquérito relativo à produção de leite na área abastecedora de Lisboa, efectuado em Setembro de 1938, revelou que só do concelho de Almada e da freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, é que saía algum leite (cousa não excedente a 500 litros diários) para consumo da capital.

Não foi porém o incremento populacional dos dois grandes núcleos urbanos do Tejo e do Sado nem tão pouco o dos que, mercê do seu desenvolvimento industrial, se foram criando e avultando na Outra-Banda, o que mais impulsionou a lacticultura no distrito de Setúbal; motivos de ordem bem diferente decidiram nesse sentido. Notámos já noutra altura dêste relatório as causas que na península

setembrigense, principalmente nos concelhos ribeirinhos da margem sul do Tejo, levaram a perfilhar a cultura hortícola como sistema económico-agrícola mais vantajoso de explorar a terra. Ora a horticultura, «arte agrícola de produzir tudo, em toda a parte e sempre, expressão prática do máximo de intensidade a que pode chegar a exploração agrícola», não se compadece senão com adubações intensivas, aplicadas em massa para atingir, no espaço e no tempo, o máximo possível de produto, e as terras da margem esquerda do Tejo, areolas siliciosas, portanto muito soltas e pobríssimas para se cultivarem de horta, precisam de muito mais estrume que as da região saloia, absolutamente diversas quanto à origem e constituição agrológica, onde pelos mesmos motivos a horticultura, com particularidades de técnica e preferência na produção de certas espécies hortenses¹, ocupa igualmente importante área

A Câmara Municipal de Lisboa costuma pôr todos os anos em arrematação os lixos da cidade e os da zona mais antiga têm sido adquiridos por alguém que os transfere em fragatas para a margem fronteira, onde são vendidos aos horticultores das povoações ribeirinhas, que assim conseguiram converter em boa terra de horta o que antes apenas fôra terreno sáfaro.

Por influxo do aumento da população urbana regional e da capital, a área consignada à cultura hortense foi alargando rápida e continuamente e os lixos passaram a tornar-se insuficientes para conservarem a intensidade produtiva do sistema cultural em uso. Essa insuficiência mais se agravou desde que o opulento lavrador José Maria dos Santos passou todos os anos a derivar enormíssimas quantidades dêsse estrume para a sua colossal vinha de Rio-Frio, plantada em terreno agrológicamente semelhante ao da zona hortícola da beira do Tejo e agora coberto pelo montado de sôbro que o ornamenta, no seu género um dos mais interessantes povoamentos florestais transtaganos, criado desde a meninice em companhia da ampelídea, à qual sucedeu decorridos anos, quando ela, velha e caduca, sucumbiu e o deixou sòzinho senhor da terra.

Estas as causas remotas que, quanto a nós, teriam obrigado o horticultor da Outra-Banda a pensar no modo de obstar aos graves transtornos que elas traziam à sua economia, derivando a atenção para o gado leiteiro, cuja exploração melhor se casava com todo o sistema cultural seguido. E como a necessidade imperiosa do estrume compelia também a reflectir na maneira de o produzir nas condições do seu máximo aproveitamento, que exige a estabulação permanente ou quasi permanente do gado, êle foi naturalmente levado a dar preferência aos bovinos, já como melhores aproveitadores e valorizadores dos resíduos da horta e dos ferrejos, êstes obrigatórios na rotação para folgar temporariamente a terra em rela-

1—Nos concelhos da península de Setúbal as espécies hortícolas predominantes são a batata, o repolho, a couve lombarda, a couve flor, a fava, a ervilha e o tomate.

Na zona saloia prepondera antes a cultura do nabo, feijão verde, cebola, tomate, abóbora, morangos, pimentão e agriões. Sobre a técnica hortícola nesta zona pode ler-se a substancial notícia da autoria do nosso colega Dr. Joaquim Canas da Silva, inserta no *Boletim Pecuário*, n.º 3 de 1941.

ção aos produtos para que ela se comece a mostrar improduttiva, já pela quantidade de estêrco que produzem.

A carência dos lixos acabou finalmente por se agravar em demasia. A progressiva rarefação das viaturas de tracção animal, que por pouco não chegaram de todo a desaparecer da cidade, substituídas pelos veículos mecanizados, e a correlativa quebra de poder fertilizante do lixo da varredura das ruas vieram sem dúvida despertar no horticultor da Outra-Banda o processo de exploração zootécnica em que acabou por se fixar.

Com efeito, a copropoese intensiva exige avultado contingente armentoso e o consumo local não absorveria todo o leite produzido pelas vacas, mesmo com o reforço do mercado de Lisboa, abastecido mais directa e fácilmente pela zona saloia, se considerarmos os embaraços e encargos da travessia do Tejo, sobretudo se os nevoeiros obrigam a suspender a navegação até altas horas do dia, quando mesmo acidentalmente a não impedem de todo.

Nestas condições o horticultor da península setubalense voltou-se para a recria, isolada ou combinada na mais conveniente proporção com a galactopoese e também por vezes com a manutenção das vacas desleitadas em adiantado estado de gestação, compradas aos fazendeiros da margem direita do Tejo e vendidas aos mesmos depois de paridas de fresco, que lhas vêm comprar para repovoamento dos estábulos da zona norte da região abastecedora de Lisboa.

Por fim, a isto acresceu a necessidade de mais copioso contingente de gado turino para ocorrer à procura, sucessivamente maior, do mercado de Évora e de Beja, presumivelmente efeito correlativo da diminuição do gado caprino e aumento do consumo de leite alimentar nos principais núcleos populacionais destes dois distritos, enquanto paralelamente se restringe a procura para a zona da margem direita, onde parece caminhar-se para um efectivo de vacas leiteiras correspondente ao auto-abastecimento dos centros urbanos dêsse lado do Tejo.

Em resumo, para obterem a quantidade de matéria orgânica indispensável à adubação dos seus terrenos e compensarem a redução quantitativa e a quebra de poder fertilizante dos lixos, os horticultores da península de Setúbal recorreram sucessivamente à exploração da vaca turina na sua função galactófora, depois conjugaram a galactopoese com a recria e por fim passaram a disfrutá-la nos três modos do seu aproveitamento económico — a criação, a recriação e a lactogénese, segundo a forma a seguir descrita.

Gado turino — O gado leiteiro está representado principalmente pelo gado turino, que se acha espalhado por todo o distrito, mas sobressai na península de Setúbal, onde vive em regime estabular ou em meia estabulação, exibindo frequentes vezes a interferência mais ou menos recente da raça originária — o gado holandês.

Amimado, a sua alimentação consta de três repastos ao dia, compostos em geral de feno, erva e palha (especialmente a de milho); quando em lactação, não é raro um suplemento de bagaços (*tourteaux*), de farinhas alimentares, de sêmeas ou de farelos.

O gado turino, além da produção de leite, inerente à pedopoese, tem ainda por função especial na região noroeste do distrito de Setúbal a produção de estrumes, mas não é raro vê-lo também a tirar água, movendo as velhas e rudimentares noras, tão freqüentes nesta região.

Além desta forma de exploração, nos concelhos de Sezimbra, Alcochete e Moita; na freguesia de Pinhal-Novo, concelho de Palmela; nas freguesias de Montijo e Sarilhos Grandes, concelho de Montijo, e nas de Palhais e Lavradio, concelho do Barreiro, as vitelas são adquiridas com a idade de quatro a seis meses e recriadas até aos dois anos para serem logo vendidas após o primeiro parto nos mercados de Azeitão, do Pinhal-Novo ou da Moita, onde são adquiridas sobretudo para a zona abastecedora de Lisboa e para o distrito de Évora.

Sem se atender à idade nem ao seu desenvolvimento, as fêmeas são cobertas logo que entram em cio, muitas vezes por touros ainda muito novos e mal desenvolvidos. Neste particular estão tomadas as devidas providências para obstar quanto possível a tão deplorável prática.

Impera o turino com pelagem preta e branca; só muito excepcionalmente surgem exemplares amarelos malhados.

O gado turino conserva-se ainda nesta região em relativo estado de pureza, pois não está minado por influências estranhas ao grupo, como sucede em tantos outros distritos do País.

A fome, que por vezes atormenta as reses; o desmazêlo na multiplicação, deixando reproduzir animais muito novos; a falta de touros selectos e a preocupação de aproveitar o leite o mais depressa possível, reduzindo até quasi ao inadmissível o período de amamentação, têm atrofiado sensivelmente a corpulência das vacas e até mesmo a sua produção láctea.

Estamos certos de que êstes males brevemente se hão-de remediar em parte com o impulso que a Direcção Geral dos Serviços Pecuários está dando nos seus estabelecimentos zootécnicos a êste gado, impulso que lhe permitirá ceder anualmente à lavoura reprodutores selectos, organizando e disciplinando simultaneamente o funcionamento dos postos particulares de cobrição.

Raça holandesa — Encontram-se espalhados umas dezenas de bovinos desta raça por tôda a área desta Intendência de Pecuária, designadamente em Rio-Frio, concelho de Palmela, e nos concelhos de Almada, Setúbal e Seixal. Ocorre lembrar a necessidade de maior expansão dêste gado no distrito para melhorar o turino, degenerado pelos motivos acima referidos.

Raça jersey — Foi encontrado um pequeno núcleo de seis vacas e um touro em Santiago do Cacém, pertencente a José Francisco Arrais Falcão Beja da Costa, e uma meia dúzia de vacas disseminadas por vários proprietários do mesmo concelho, tudo animais atrofiados, com péssima conformação e características étnicas muito apagadas. Os resultados da experiência têm sido pouco animadores, como era de esperar numa região em que os factores ecológicos nada favorecem, antes são adversos, à aptidão zootécnica desta raça, circunstância por virtude da qual é de crer que em breve tudo desapareça.

Raça Alderney— Existe na herdade do Pinheiro, concelho de Alcácer do Sal, um grupo de onze fêmeas e dois touros. Animais de boa conformação mas muito degenerados, têm como principal aproveitamento a produção de estrumes, pois a aptidão leiteira está reduzidíssima pelas mesmas razões referidas a propósito da raça Jersey, com a qual ainda hoje é por alguns zootecnistas étnicamente irmanada no grupo do *gado das ilhas normandas*, dada a sua origem comum e a aptidão lacto-manteigueira que caracteriza os bovinos das mencionadas ilhas.

GADO DE TRABALHO

Na zona de noroeste predomina o gado mirandês ou *ratinho*, utilizado como motor agrícola.

Vive algumas vezes em regime misto e, quando assim é, tem duas refeições, uma de manhã e outra ao recolher, passando os dias nas pastagens; mas o regime geralmente seguido é o da estabulação permanente.

Não se faz criação dêste gado e chego mesmo a crer que nem um só reprodutor masculino do grupo mirandês existe neste distrito. Os bois, já habituados ao trabalho, são adquiridos nas feiras, designadamente na da Malveira.

Nas outras duas regiões o gado mirandês rareia progressivamente do norte para o sul, escasseando à medida que nos embrenhamos na zona alentejana, onde praticamente não tem representação.

Na região ribatejana-alentejana dominam os produtos de cruzamento do gado bravo, conforme atrás deixámos referido. Estes mestiços, com a coloração do gado transtagano e freqüentemente malhados, são de menor estatura e com chifres mais pequenos e delgados. De cabeça mais curta que o alentejano e com aspecto um pouco heterogéneo, mais rijo de unhas (estas sofrem menos com a acção corrosiva das terras de arroz), com menos fundo e menos possantes que os bois transtaganos, são todavia mais enérgicos e velozes que êstes, e o seu temperamento nervoso permite-lhes safarem-se com relativa facilidade das terras lamacentas dos arrazoais.

Muito rústicos e de modestas exigências alimentares, vivem geralmente em regime pastoril e são o gado preferido para trabalhar as terras de Alcácer do Sal, Marateca e Pegões.

Êste gado, a que na região de Alcácer do Sal chamam *martolengo* por corrupção do termo *mertolengo*, não corresponde, por via de regra, a esta sub-raça, mas à variedade charnequeira enunciada por Bernardo Lima.

A vaca, que só excepcionalmente trabalha, destina-se à reprodução.

As crias, desmamadas aos dez ou doze meses, são afastadas das mães durante mês e meio a dois meses para depois se juntarem de novo à manada das vacas, se são fêmeas, ou a dos touros, se machos.

As criações de ano tomam o nome de *anojos* ou *anojas*, consoante o sexo; aos dois anos denominam-se *garraios* ou *garraias*.

Quando do aparte à desmama, os animais são marcados a fogo, golpeados nas orelhas com o sinal da casa de lavoura e as fêmeas enchocalhadas.

O gado de trabalho, tratado com mais cuidado, só excepcionalmente deixa de ser recolhido em abegoarias, onde o mimam com palha de trigo ou de arroz, raramente com a de milho, feno e moínhas.

Os machos são castrados dos dois para os três anos, enchocalhados e em seguida amansados.

Amansados e adestrados a charruar e carrear, são por vezes explorados em meia estabulação e têm melhor alimentação.

Os touros de lide, produto do gado bravo nacional com o espanhol, são corridos dos três para os quatro anos e castrados aos cinco.

Depois de amansados são também utilizados em serviços de carretos e lavoura. O regime em que vivem, é absolutamente análogo ao dos mestiços.

Os bois de casta brava são apreciados sobretudo nas terras de arroz, onde se tornam indispensáveis como animais resolutos, com temperamento nervoso e ágeis, pois nestas terras, onde se chegam a enterrar até à barriga, o trabalho é muito duro e penoso.

Contudo a criação destes indivíduos está em manifesta decadência; muitos lavradores que ainda há bem pouco tempo faziam toda a sua lavoura com *tralhoada*, não possuem hoje uma única cabeça de gado bravo. As dificuldades na amansia, os perigos a que o pessoal está sujeito, e os estragos da apeiragem têm reduzido por tal forma a sua exploração, que a esta criação apenas hoje se dedicam Samuel Lúpi dos Santos Jorge, nas suas propriedades dos concelhos de Palmela e Alcochete; Rosa Dourado & Dias, Ld.^a, na Quinta de Cima, concelho de Alcácer do Sal; António Castro, na herdade do Moinho-Novo, concelho de Palmela; António Feliciano Branco Teixeira, na herdade do Escatelar, freguesia de Canha, concelho de Montijo; Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva, em Águas de Moura, concelho de Palmela. Ao todo, este gado atingirá cerca de quinhentas cabeças, quando não vai longe o tempo em que se contava por milhares, disseminadas por muitas outras casas de lavoura.

O gado transtagano (variedade alentejana), produzido em selecção na região alentejana, vive em regime absolutamente idêntico ao dos seus produtos de cruzamento.

É no concelho de Grândola e parte do de Santiago do Cacém que se faz criação propriamente dita, isto é, produção de bovinos de trabalho para venda.

De pastos mais albeis e sem o predomínio da grande propriedade, nesta região quasi todos os lavradores possuem vacas mais ou menos amimadas e seleccionadas, cujas crias, depois de amansadas, são vendidas para trabalho.

As reses propostas à ceva são engordadas em pastagens durante quatro meses.

Nas outras partes desta região, onde a criação bovina se destina quasi somente a reconstituir os efectivos das herdades, apenas são vendidos os animais de defeituosa conformação, os velhos e cansados, os inutilizados ou aleijados acidentalmente e os que excedem a capacidade da exploração.

OVINOS

Esta espécie pecuária, em que predomina o gado branco, ajuda ainda a distinguir a região de noroeste do resto do distrito. Nas regiões alentejana e central encontra-se o bordaleiro amerinado (tipo alentejano); na península de Setúbal aparece o merino saloio mais ou menos puro, mas são mais freqüentes os produtos do alentejano com o saloio. Compreende-se que assim seja; região de trânsito dos rebanhos do Alentejo para Lisboa, é natural aí ficarem retidos alguns exemplares, ao mesmo tempo que se importa gado da região saloia.

Na península de Setúbal os rebanhos são constituídos por pequeno número de cabeças, destacando-se porém os da zona queijeira de Azeitão, onde ganham certa importância e são cuidadosamente tratados.

Nas restantes regiões encontra-se o tipo alentejano, assinalando-se por vezes a introdução de merinos precoces de Soissons e de Chatillon, merinos espanhóis e merinos de Rambouillet. Merece destacar um pequeno rebanho de cerca de 300 merinos de Rambouillet na herdade de Travassos, concelho de Palmela, pertencente ao Sr. Adelino Cais Estêves, animais de reduzida corpulência mas de magnífica lã; no concelho de Montijo há também boa lã, mercê da influência de semenciais merinos de Soissons e merinos Fonte-Boa com que os Srs. Diogo Mendonça e Santos Fernandes dotaram os seus rebanhos, melhorando-os sensivelmente; é também digna de menção a zona que abrange parte do Montijo e Atalaia, concelho do Montijo, e se prolonga pelas freguesias do Pinhal-Novo e Marateca, concelho de Palmela, onde se produzem magníficas lãs, efeito certamente da benéfica influência dos reprodutores merinos precoces, introduzidos especialmente pelo lavrador Santos Jorge.

Vivem os rebanhos em regime de meia estabulação na península de Setúbal (recolhidos à noite em ovis mais ou menos primitivos) e em regime pastoril nas outras regiões, amalhados de noite em redis ou em cancelas móveis.

Na península de Setúbal os borregos são vendidos poucos dias após o nascimento para se aproveitar ao máximo o leite, que é transformado em queijo, sendo necessários, em média, cinco litros para um quilo do lactícínio.

Nas outras regiões os borregos são amamentados até aos cinco meses, pouco mais ou menos, e depois vendidos para o talho, especialmente para Lisboa.

Nas regiões central e alentejana cada rebanho desdobra-se no *alfeire*, constituído pelas fêmeas com crias e pelas que não encheram; no *alavão*, formado pelas ovelhas paridas a que se separam as crias para aproveitar o leite; no *rebanho dos carneiros*, que só vivem com as fêmeas na época da reprodução, na proporção de um semental para quinze ovelhas.

O predomínio dos animais de lã branca é evidente sobre os de lã prêta e o arrolamento agora feito bem o demonstra (81.534 ovinos brancos e 45.681 prêtos) com a diferença de cerca de 44% a favor dos primeiros, compreensível pelo maior preço das lãs brancas.

Se comparamos esta percentagem com a de 1934, que não chegou a 1%, temos de reconhecer a preferência que o lavrador está dando neste distrito aos lanígeros brancos.

O condenável e fraudulento costume de na época das tosquias armarem os redís sôbre os terrenos alqueivados para o velo se tornar mais pesado à custa da terra que a êle adere, maldito costume que deve ter ficado do tempo dos mouros, inferioriza bastante a lã da região alentejana do distrito, já de si mesma longe de grande valor.

CAPRINOS

A sua representação na península de Setúbal é insignificante, a não ser na parte serrana do concelho de Sezimbra, onde continua a ter relativa importância.

Na península predomina a cabra serrana, muito apreciada pela quantidade de leite que produz, e pela sua mansidão; no resto do distrito encontram-se sobretudo os mestiços da serrana com a charnequeira e, com relativa freqüência, principalmente nos concelhos de Santiago do Cacém e Grândola, os produtos derivados do cruzamento com o gado espanhol.

Embora com acentuada tendência para desaparecer, encontra-se ainda disperso pelos concelhos de Alcácer do Sal e Santiago do Cacém, mas sobretudo nas regiões charnequeira e serrana do concelho de Grândola, o caprino aqui conhecido por *cabra da serra de Grândola*, *cabra charnequeira*, *cabra vermelha*, *cabra do mato* ou *machuna*:

Elegante mas de pequena estatura, a *cabra do mato* veste-se de pêlos curtos e uniformemente vermelhos e tem chifres retorcidos, espalmados, dispostos em lira e desproporcionalmente desenvolvidos. Muito pouco leiteiras, tais cabras ganham em rusticidade a outras quaisquer da região.

SUÍNOS

Na região da península de Setúbal o gado suíno, geralmente criado em poçilgas ou cortelhos, está representado pelo porco bisaro, mais ou menos abastardado; pelos produtos do cruzamento dêste com raças inglesas e com os vizinhos alentejanos; por alguns exemplares mais ou menos puros da raça Yorkshire (Large-White), trazidos da outra margem do Tejo.

Nesta zona não se faz geralmente criação; é uma zona de recria e de engorda.

No resto do distrito vive exclusivamente o porco alentejano, apascentado de dia, recolhido nas noites de Inverno em malhadas e na estação calmosa em currais de cancelas.

Vai rareando o porco claro, loiro, peludo e com penduricalhos, hoje substituído com vantagem pelo escuro, quási sem cabelo, mas de maior esqueleto, mais *varudo* e, por consequência, capaz de maior pêso.

As porcas fazem duas criações no ano, uma na Primavera e outra no Outono.

Os porcos nascidos na Primavera chamam-se *erviços* e os nascidos no Outono *montanheiros*.

Na criação montanheira, sempre mais robusta em virtude da melhor alimentação, é que se escolhem os animais destinados à reprodução.

Em geral o efectivo suíno é dividido em três varas: a do *alfeire*, constituída pelos animais em recriação; a dos porcos destinados à engorda; a das porcas criadeiras.

A engorda começa dos dezóito aos vinte e dois meses de idade. A vara entra no montado em meados de Outubro e sai geralmente em Janeiro e Fevereiro, consoante a quantidade de *comida* (bolota).

Pessoa experimentada avalia as possibilidades de engorda do montado (encabeçamento), entrando nêle em seguida os porcos divididos em duas varas, que o percorrem em direcções diferentes. Está calculado que para a ceva dum porco são necessários 1.200 litros de lande ou 800 litros de bolota.

Na freguesia de Montijo e suas imediações, nos concelhos da Moita e Alcochete, em malhadas de grande capacidade faz-se em larga escala a engorda industrial dos alfeires alentejanos, adquiridos magros, em meias carnes ou mesmo gordos mas capazes de *porem ainda mais alguma carne*. Neste sistema de engorda os porcos têm três refeições diárias, cuja base é o milho, dado inteiro ou triturado mais ou menos grosseiramente. Alguns engordadores usam misturas, em que entram principalmente a farinha de bagaço de coconote (*palmiste*) e o milho mais ou menos farinado.

A batata de refugo e o figo também aqui são muito procurados para o mesmo fim, dando êste último alimento boas reposições.

Numa engorda em regulares condições, 95 quilos de milho dão uma arrôba de carne no Inverno; no Verão bastam 90 quilos.

Os porcos entram nas malhadas com cêrca de 45 quilos para no fim de três para quatro meses saírem para a chacinaria com 8 a 8,5 arrôbas.

ANIMAIS DE CAPOEIRA

Aqui, como geralmente por tôda a parte, os animais de capoeira, objecto duma indústria caseira, pertencem ao domínio da economia doméstica, quer vivam em pequenas capoeiras e sustentados com desperdícios de hortaliças e restos de comida adicionados com um pouco de sêneas e milho, quer vivam em liberdade e apenas recolhidos à noite, em que lhes é distribuída uma pequena ração, geralmente de milho. Excluindo a península de Setúbal, os animais de capoeira são geralmente alojados em recintos cobertos de rêde para evitar a voracidade das aves de rapina, que por aqui abundam.

Não obstante o carácter geral da avicultura, neste distrito há duas instalações avícolas industrializadas, ambas dignas de referência especial: uma na Quinta do Farol, concelho do Seixal, onde se explorã a oopoesse com a galinha Leghorn branca; outra na herdade de Rio-Frio, freguesia do Pinhal-Novo, onde se explora a produção de ovos e carne com a Rhode Island Red.

A galinha alentejana, boa poedeira mas de pequena estatura, preta, com torsos negros, crista bastante desenvolvida (erecta nos galos e tombada ou direita nas

fêmeas), com aurículas brancas, muito rústica e bravia, tende a desaparecer para dar lugar, por preferência dos *regatores* (negociantes de ovos e criação), a aves de maior porte, produtos de cruza de variedades nacionais e estrangeiras, preponderando neste último caso a Rhode Island Red e a Plymouth Rock.

Intendência de Pecuária de Setúbal, 20 de Junho de 1941.

O Intendente de Pecuária

Joaquim Barros